

## Capítulo 22

### A Fala De Paulo Aos Judeus. At. 21. 40-22.21.

A respeito da vida anterior de Paulo de sua perseguição à igreja: *V. 40) Obtida a permissão, Paulo, em pé na escada, fez com a mão sinal ao povo. Fez-se grande silêncio e ele falou em língua hebraica, dizendo: 1) Irmãos e pais, ouvi agora a minha defesa perante vós. 2) Quando ouviram que lhes falava em língua hebraica, guardaram ainda maior silêncio. E continuou: 3) Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas criei-me nesta cidade e aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, assim como todos vós o sois no dia de hoje. 4) Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em cárceres, homens e mulheres, 5) de que são testemunhas o sumo sacerdote e todos os anciãos. Destes recebi cartas para os irmãos; e ia para Damasco, no propósito de trazer manietados para Jerusalém os que também lá estivessem, para serem punidos.* O comandante da guarnição concedeu, tanto mais de pressa, o pedido de Paulo para falar ao povo, porque esperou poder aprender da fala as verdadeiras acusações levantadas contra ele. Por isso, tendo os soldados dado a permissão a Paulo e solto, ao menos, uma de suas cadeias, este parou no topo da escadaria e no gesto usual acenou ao povo indicando que lhe queria dirigir a palavra. “Não pode ter havido espetáculo mais nobre do que o de Paulo neste momento! Ei-lo em pé algemado com correntes, e pronto para fazer sua defesa ao povo. O comandante romano o assiste para por meio de sua presença impor ordem. Lá em baixo um povaréu furioso levanta o olhar a ele. Mas, quão senhor de si e quão tranqüilo é ele em meio a tantos perigos!” (Crisóstomo) A seguir, quando houve mais silêncio, quando havia sido restabelecido relativo silêncio, o próprio fato que o homem, a quem recém estiveram prontos a matar, desejava participar-lhes algo ou fazer alguma impressão sobre eles, então Paulo lhes falou no dialeto hebraico, isto é, na língua aramaica tal como ela naquele tempo era empregada pelos judeus. Saudou-os como irmãos e pais. Mesmo que eles quase tiveram o sucesso de tirá-lo a vida e mesmo que de modo algum houvessem desistido da idéia, Paulo, ainda assim, nem no tom de voz ou em suas palavras, mostrou qualquer ira ou ressentimento. Com a morte a encará-lo de frente, seu único pensamento foi o bem-estar espiritual de seus irmãos segundo a carne, se alguma forma ainda pudesse ser capaz de salvar a algum deles. Pede-lhes que de seus lábios ouçam sua defesa que agora lhes queria apresentar. E o fato que empregou o dialeto aramaico se mostrou como mais um fato para acalmar a multidão. Guardaram ainda maior silêncio. Muitos dos membros da turba, tendo ouvido só parte da acusação e não a entendendo corretamente, sem dúvida, haviam imaginado que o homem à sua frente era um gentio que não estava versado na língua judaica e nem nos costumes judaicos. Neste momento Paulo, no desejo sincero de conseguir que sua audiência ao menos o escutasse com atenção em sua apologia, expõe-lhes alguns fatos de sua vida. Ele era um homem judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas educado na própria cidade de Jerusalém, e isto aos pés de Gamaliel, este mestre celebrado, sendo instruído conforme o total rigor da lei dos pais. Os fariseus, aos quais Gamaliel pertencia, se vangloriavam da exatidão de sua interpretação da lei e sobre o literalismo que exigiam em sua observação. Paulo aprendera tudo isto, e em tudo fora treinado. E por isso fora ele ardoroso e zeloso por Deus e sua honra, exatamente da mesma maneira como seus ouvintes se haviam mostrado neste mesmo dia, Rm. 10. 2. As palavras de Paulo não contêm qualquer acusação sobre alguma obstinação maldosa, mas, meramente, são a constatação dum fato que bem lhes podia servir. Ele diz, quanto ao seu próprio zelo, de que perseguira até a morte este caminho (autor escreve minúsculo), ou seja, as pessoas que aceitaram o caminho de salvação pela fé na redenção de Jesus, sendo este seu alvo e participação neste assunto. E para atingir este propósito ele algemara e entregara à prisão tanto homens como mulheres. E para a confirmação desta verdade o próprio sumo sacerdote daquele ano, como também o sinédrio, podiam testemunhar, pois fora deles que ele recebera cartas ou credenciais aos irmãos, depois do que viajara para Damasco, onde seu objetivo fora amarrar os discípulos desta cidade e trazê-los para Jerusalém, ou seja, levá-los sob algemas, para que sobre eles fosse imposta a punição adequada. Paulo faz uma confissão pública, não escondendo nada aos seus ouvintes, e não se

desculpando de nenhuma de suas ações. Sua narração é uma descrição da situação da mente ainda não convertida. Uma pessoa ainda em sua condição irregenerada servirá ou aos desejos de sua carne e pisará aos pés a lei de Deus, ou será zeloso por uma justiça exterior da lei e desprezará o poder da formosura do evangelho.

A visão no caminho: *V. 6) Ora, aconteceu que, indo de caminho e já perto de Damasco, quase ao meio-dia, repentinamente grande luz do céu brilhou ao redor de mim. 7) Então caí por terra, ouvindo uma voz que me dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? 8) Perguntei: Quem és tu, Senhor? Ao que me respondeu: Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues? 9) Os que estavam comigo viram a luz, sem contudo perceber o sentido da voz de quem falava comigo. 10) Então perguntei: Que farei, Senhor? E o Senhor me disse: Levanta-te, entra em Damasco, pois ali te dirão acerca de tudo o que te é ordenado fazer. 11) Tendo ficado cego por causa do fulgor daquela luz, guiado pela mão dos que estavam comigo, cheguei a Damasco.* A primeira parte da fala de Paulo teve o objetivo de não só despertar a compreensão deles sobre si, mas também a curiosidade sobre o motivo que o haviam levado a mudar completamente suas opiniões. Nesta parte é dada a explanação, com muita vividez e atenção aos detalhes. Aconteceu-lhe, quando havia feito a viagem para a qual houvera obtido credenciais da parte das autoridades judaicas, e havia chegado perto da cidade de Damasco, que perto da hora do almoço, pelo meio-dia, com o sol a pleno fulgor, repentinamente, sem qualquer advertência, relampejou ao redor dele uma luz que veio do céu, cujo brilho em muito ultrapassou o do sol. Ele tombou ao chão duro, no calçamento, da estrada, e ouvira e entendeu uma voz que lhe falava: Saulo, Saulo, por que me persegues? Sobre sua pergunta golpeada de temor sobre a identidade da voz, a qual ele mesmo havia atribuído ao Senhor, a Jesus, que lhe aparecera na luz, ele recebera esta informação, de que fora o próprio Jesus de Nazaré, aquele a quem ele perseguira em seus discípulos, que lhe parecera. Seus companheiros haviam visto a luz sobrenatural, sem, contudo, verem a Jesus, e enquanto haviam ouvido o som da voz, não haviam compreendido as palavras que haviam sido ditas. Cf. cap. 9. 3-7. Sobre sua outra pergunta tímida sobre o que devia fazer agora, o Senhor lhe ordenara levantar e ir à cidade de Damasco, onde lhe seria dito tudo quanto lhe fora apontado fazer. Com antecedência o Senhor havia arranjado tudo. Toda sua vida e todas as vicissitudes de sua vida haviam sido planejadas minuciosamente por Jesus. Seu trabalho para todo restante de sua vida fora totalmente ordenada e planejada. E a visão, juntamente com a voz, não fora uma invenção de sua própria imaginação, visto que a glória celeste da luz que o envolvera, fizera-o cego. Não conseguia empregar seus olhos, visto que estes lhe negavam seu serviço. Sendo total a sua cegueira, precisou ser guiado pela mão por aqueles que estiveram com ele, e assim conseguiu chegar à cidade. Foi assim que a conversão de Paulo foi realizada, e assim acontece a conversão de cada pessoa. Em qualquer ser humano não existe alguma inclinação especial, alguma disposição ou propensão para a fé em Jesus o Salvador, mas a regeneração é totalmente uma obra do poder e da misericórdia de Deus. Deus transforma a mente do homem, o qual por sua própria razão e força não pode crer em Jesus Cristo, seu Senhor, o qual desta forma opera a fé no Redentor.

Paulo e Ananias: *V. 12) Um homem, chamado Ananias, piedoso conforme a lei, tendo bom testemunho de todos os judeus que ali moravam, 13) veio procurar-me e, pondo-se junto a mim, disse: Saulo, irmão, recebe novamente a vista. Nessa mesma hora recobrei a vista e olhei para ele. 14) Então ele disse: O Deus de nossos pais de antemão te escolheu para conheceres a sua vontade, ver o Justo e ouvir uma voz da sua própria boca, 15) porque terás de ser sua testemunha diante de todos os homens, das coisas que tens visto e ouvido. 16) E agora, por que te demoras? Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome dele.* Aqui Paulo, com base em sua própria experiência dos acontecimentos que tanto marcaram sua mente com características indelévels, dá um relato mais completo das palavras de Ananias do que aquele que fora relatado no capítulo 9. Este Ananias não foi um gentio e nem um judeu sem reputação ou posição social, mas, como o enfatiza Paulo, um homem devoto e piedoso conforme a lei dos judeus, ou conforme o próprio padrão deles, citado por todos os judeus que viviam em Damasco. Foi através dele que Paulo recebeu o comissionamento de pregar o evangelho de Cristo, em especial aos gentios, como aqui ele tem o cuidado de expressar. Pois este Ananias veio a ele e parou ao seu lado ou acima dele enquanto ele estava deitado ou sentado, porque estava prostrado em tristeza, saudou-o como irmão, e com uma simples palavra de comando realizou o milagre da restauração de sua visão. A seguir Ananias lhe expusera a

maneira exata em que os planos do Senhor haviam sido realizados e deveriam ser realizados. O Deus dos pais deles, o verdadeiro Deus, tal como os judeus o adoravam, anteriormente lhe havia indicado que Paulo deveria saber o seu querer, devia descobrir o encargo importante para o qual fora selecionado. De antemão também havia sido arranjado por Deus que ele visse o Justo e ouvisse a voz de sua boca na visão perto da cidade. Esta é uma prova adicional que Paulo realmente vira a Jesus Cristo. E esta mesma voz do Senhor que lhe falara diante da cidade neste momento novamente se dirigiu a ele com o comissionamento que devia ser uma testemunha do Senhor a todas as pessoas a respeito de tudo quanto vira e ouvira. Por que, pois, qualquer motivo de hesitação? Perguntara-lhe Ananias. Dissera-lhe para que se erguesse, fosse batizado, e com isso fossem removidos os seus pecados, e ao mesmo tempo invocasse o nome do Senhor. Notemos: O batismo não é uma forma ou símbolo externo para com ele indicar o recebimento do perdão dos pecados que aconteceu antes ou depois, mas pelo lavar da água no batismo os pecados são tirados, ou seja, a imundícia da alma é removida. Ele é um lavar da regeneração e renovação no Espírito santo, Tt. 3. 5. As maravilhosas bênçãos são conferidas e seladas por meio do nome de Jesus e pela fé no Redentor, a qual confia na palavra de Deus no batismo.

A ordem direta a Paulo: *V. 17) Tendo eu voltado para Jerusalém, enquanto orava no templo, sobreveio-me um êxtase, 18) e vi aquele que falava comigo: Apressa-te, e sai logo de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho a meu respeito. 19) Eu disse: Senhor, eles bem sabem que eu encerrava em prisão e, nas sinagogas, açoitava os que criam em ti. 20) Quando se derramava o sangue de Estêvão, tua testemunha, eu também estava presente, consentia nisso e até guardei as vestes dos que o matavam. 21) Mas ele me disse: Vai, porque eu te enviei para longe aos gentios.* Paulo teve em suas palavras finais a intenção de alcançar uma consideração favorável para sua causa, mostrando aos judeus que ele, que fora um perseguidor como eles próprios eram, por meio duma milagrosa demonstração do céu havia sido transformado num adepto fiel e num advogado de Jesus de Nazaré. Agora tinha ele o desejo de apresentar provas que sua missão entre os gentios havia sido estabelecida bem da mesma maneira, por meio duma revelação direta do céu, que ele, como eles bem sabiam, não ousaria desobedecer. Em seu retorno a Jerusalém, em sua primeira visita após sua conversão, acontecera, enquanto oferecia preces no templo, que ele caiu num transe ou esteve envolvido num êxtase, em que viu o Senhor pedindo-lhe apressar-se e sair a toda pressa sair de Jerusalém, visto que os judeus não aceitariam seu testemunho sobre o Salvador. Este relato suplementou o do capítulo 9. 29, 30, visto que nessa passagem não é mencionado o real perigo pessoal, que aqui é representado como o motivo do Senhor para enviá-lo. “Será que São Lucas não está descrevendo a ocorrência em relação aos judeus e à igreja, e São Paulo em relação à sua própria história pessoal, sendo que São Lucas nos dá o impulso externo, mas São Paulo o motivo interior, assim que as duas causas, sendo uma a natural e outra a sobre-natural, são mencionadas lado a lado?”<sup>1)</sup> Paulo, tal como ele conta, naquela ocasião havia se oposto ao Senhor, dando como sua razão que os judeus com certeza receberiam o testemunho dele, do qual sabiam que fizera sua a prática de lançar em prisão e a bater os adeptos Dele que havia em todas as sinagogas; também, que estavam cientes do fato de sua presença e de sua satisfeita aceitação, quando, até, assumiu a posição de guarda das roupas dos testemunhas, quando estes derramaram o sangue de Estêvão, a testemunha do Senhor. Mas este argumento não lhe resultara em nada frente à vontade do Senhor, pois este último insistiu ainda mais ênfase: Vai, quero enviar-te para longe aos gentios. Esta justificativa de Paulo, visto que não conseguiam contradizer a um só argumento, poderia ter sido aceitável ante uma audiência diferente e numa época diferente. Mas a afirmativa que Paulo estava sendo mandado embora porque eles eram obstinados e insensíveis, e que, ao menos nisso, os gentios tinham vantagem sobre os judeus, que sua missão antes de tudo se referia aos desprezíveis gentios, foi demais para esta platéia. Sempre foi assim que a verdade plena e inflexível da palavra de Deus, mesmo que foi apresentado testemunho adicional da história, foi recebida em parte com ceticismo e em parte com oposição declarada. O coração do homem natural é acima de tudo enganoso e desesperadamente corrupto.

*Paulo E O Comandante. At. 22. 22-30.*

<sup>1)</sup> 86) *Expositor's Greek Testament, II. 460.*

Paulo afirma sua cidadania: *V. 22) Ouviram-no até essa palavra, e então gritaram, dizendo: Tira tal homem da terra, porque não convém que ele viva. 23) Ora, estando eles gritando, arrojando de si as suas capas, atirando poeira para os ares, 24) ordenou o comandante que Paulo fosse recolhido à fortaleza, e que, sob açoite, fosse interrogado para saber por que motivo assim clamavam contra ele. 25) Quando o estavam amarrando com correias, disse Paulo ao centurião presente: Vos será porventura lícito açoitar um cidadão romano, sem estar condenado? 26) Ouvindo isto, o centurião procurou o comandante e lhe disse: Que estás para fazer? porque este homem é cidadão romano. 27) Vindo o comandante, perguntou a Paulo: Dize-me, és tu romano? Ele disse: Sou. 28) Respondeu-lhe o comandante: A mim me custou grande soma de dinheiro este título de cidadão. Disse Paulo: Pois eu o tenho por direito de nascimento.* A declaração simples do fato de Paulo que, por meio duma revelação direta, fora chamado pelo Senhor para pregar o evangelho aos gentios arrojou os judeus fanáticos num frenesi de fúria total. Escutaram-no até este ponto de sua fala, mas agora agiram como agem pessoas privadas de sua razão. Ergueram suas vozes em altos gritos, dizendo que um homem assim imediatamente devia ser tirado da terra, porque já não era mais justo que ele vivesse, que ele não merecia viver. Persistiram nestes berros, incidentalmente agitando suas vestes, suas capas, num acesso de fúria incontrollável, e levantando pó ao ar. Em suas ações se unem baldada fúria e extremo desprezo para produzir uma exibição como essa, de que só é capaz uma turba despojada de sua vítima. Agora o tribuno deu ordens para que Paulo fosse levado para o acampamento, dando ao mesmo tempo instruções que o assunto fosse colocado diante dele, que, sob tortura ou enquanto o chicote lhe fosse aplicado, fosse feito um interrogatório sobre a sua visão do problema. Esta terrível tortura era a recorrência dos romanos no caso de prisioneiros, em especial quando da classe mais baixa, para forçar uma confissão de seus lábios, caso não houvesse à mão alguma prova adequada. Foi assim que o tribuno queria descobrir a razão por que o povo gritava desta forma na presença dele. Mas, quando o haviam estendido para frente dobrando suas costas sobre o pelourinho e se aprontavam para prendê-lo com correias, Paulo perguntou ao centurião, que assistiu e supervisionou o trabalho desagradável, se era permitido açoitar um cidadão romano sem um julgamento formal. A pergunta, por mais humilde que tenha sido feita, não esteve sem ironia e sem reprovação do procedimento adotado em seu caso. O centurião, muito consternado, deu relatório ao seu oficial superior, que foi o comandante da guarnição: Que estás para fazer? Este homem é um cidadão romano. Esta informação fez com que o quiliarca aparecesse a toda pressa. Perguntou diretamente a Paulo se era um cidadão romano, e Paulo respondeu afirmativamente. Então o tribuno, com alguma hesitação em sua voz, disse a Paulo que ele adquirira sua cidadania romana com a despesa de considerável soma de dinheiro, confessando assim ter seguido um ato de suborno. Pois a cidadania em Roma era obtida corretamente quando ela era conferida pelo senado romano por causa duma conduta meritosa, ou era herdada dum pai que já era um cidadão romano, ou era um direito inato para aquele que nasceu numa cidade livre. Por isso Paulo, neste caso, pôde afirmar com justificável brio que nascera como cidadão romano. É completamente correto e deve ser aprovado quando cristãos, quando for preciso, fazem uso de seus direitos de cidadãos.

Os preparos para um interrogatório decente: *V. 29) Imediatamente se afastaram os que estavam para o inquirir com açoites. O próprio comandante sentiu-se receoso quando soube que Paulo era romano, porque o mandara amarrar. 30) No dia seguinte, querendo certificar-se dos motivos por que vinha ele sendo acusado pelos judeus, soltou-o e ordenou que se reunissem os principais sacerdotes e todo o sínédrio e, mandando trazer Paulo, apresentou-o perante eles.* A declaração de Paulo de que era um cidadão romano nascido livre teve seu efeito imediato. Aqueles que, sob tortura, deviam inquiri-lo recuaram imediatamente, com vigor, pois a tortura era ilegal no caso dum cidadão romano, podendo ele ser empregado no caso de escravos e estrangeiros. Até mesmo o quiliarca, tomado de medo, sentiu-se muito desconfortável, visto que agora descobrira que Paulo era um cidadão romano, e que ele o havia amarrado. Tivesse Paulo sido de natureza vingadora, poderia ter causado alguma dificuldade ao tribuno, mas a vingança não tinha entrada em seus pensamentos, visto que alcançara seu objetivo. Agora, porém, o comandante começou a agir com mais cuidado. Estava ainda firmemente resoluto para descobrir a verdadeira razão por que Paulo estava sendo acusado pelos judeus, ou seja, qual era a razão real do problema. Por isso fez com que Paulo fosse

liberto das algemas, e ordenou que se reunissem o sumo sacerdote e todo o sinédrio, sendo que o interrogatório provavelmente ocorreu na própria sala de reuniões deles ou em algum lugar na cidade fora da Torre Antônia, muito provavelmente no pátio dos gentios, onde era permitida a entrada dos romanos, visto que ele conduziu Paulo do alto da colina e o colocou diante deles. Foi assim que a profecia de Agabo se cumprira, e Paulo esteve nas mãos dos gentios, tendo sido entregue pelas mãos de seus próprios patrícios.

**Resumo:** A fala de Paulo aos judeus, que no começo a ouviram em silêncio, é interrompida por gritos de ira, depois do que Paulo se salva dum açoitamento pelas mãos dos soldados porque declara sua cidadania romana.

## Capítulo 23

### O Interrogatório Na Presença Do Sinédrio. At. 23. 1-11.

Paulo repreende ao sumo sacerdote: *V. 1) Fitando Paulo os olhos no sinédrio, disse: Varões, irmãos, tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência até ao dia de hoje. 2) Mas o sumo sacerdote, Ananias, mandou aos que estavam perto dele que lhe batessem na boca. 3) Então lhe disse Paulo: Deus há de ferir-te, parede branqueada; tu estás aí sentado para julgar-me segundo a lei, e contra a lei mandas agredir-me? 4) Os que estavam a seu lado disseram: Estás injuriando o sumo sacerdote de Deus? 5) Respondeu Paulo: Não sabia, irmãos, que ele é sumo sacerdote; porque está escrito: Não falarás mal de uma autoridade do teu povo.* Lísias, o tribuno romano, abriu o interrogatório. Os membros do sinédrio estavam sentados ou parados em semicírculo, com Paulo a encará-los, estando próximos o comandante com a guarda. Os chefes dos judeus haviam sido convocados pelo quiliarca romano para que trouxessem o seu testemunho, ou trouxessem suas acusações contra Paulo. Este fato clarifica toda situação. “Quando consideramos as circunstâncias, então está claro que esta não foi uma reunião formal do conselho da nação; foi uma reunião dos homens líderes que foram urgentemente convocados como consultores pelo oficial romano no comando em Jerusalém. Quem exerceu a autoridade foi o oficial. Só a ele cabia julgar e dar uma decisão. Os demais foram somente seus assessores. Uma reunião adequada do conselho de modo nenhum podia ser convocada quando consideramos a maneira seguida nesta ocasião.”<sup>2)</sup> Paulo não esteve presente como alguém sob a jurisdição do sinédrio, mas como um cidadão romano aos cuidados do comandante romano de Jerusalém. Isto também está evidente de todo seu comportamento. Pois, em lugar de esperar que os judeus abrissem a reunião, ele, com seu característico olhar, firme e destemido, olhou ao redor sobre eles, e a seguir sereno convidou suas acusações afirmando, com evidente tranquilidade, que até este dia se comportara com toda boa consciência diante de Deus. Notamos que ele se dirige a eles como irmãos, colocando-se, desta forma, com eles num mesmo nível. E ele de modo calmo afirma sua inocência quanto a qualquer erro no sentido em que os judeus alegavam, pois ele emprega uma palavra que literalmente significa que ele como cidadão da nação de Deus cumpriu sua completa obrigação, e que ele respeitou e observou suas leis. Mas a afirmativa de Paulo levantou o ressentimento mais indignado do sumo sacerdote, chamado Ananias. Este Ananias não foi o sumo sacerdote dos evangelhos, mas fora apontado por Herodes de Cálcida para o ofício. Por Quadratus, o governador da Síria, ele fora enviado como preso a Roma, por causa duma disputa com os samaritanos. Mas fora vitorioso em sua causa e retornou para Jerusalém. Este, esquecendo-se de que não era o dirigente desta reunião, e que Paulo não estava sob sua jurisdição, bradou aos que estavam próximo do acusado para que o batessem na boca, com o que queria afirmar que acreditava que Paulo era um extremo impostor. A repreensão de Paulo foi imediata e precisa. Chamou-o uma parede caiada, como Cristo chamara os fariseus de sepulcros caiados, Mt. 23. 27. Um casaco branco tinha o sentido de encobrir a fragilidade e a imundícia que havia por baixo. Ele pedira que Paulo fosse batido, por isso Deus o feriria por seu comportamento hipócrita. Pois conforme a lei estava sentado ali como um dos juizes, mas contrário à lei ordenara que Paulo fosse ferido, Lv. 19. 35; Dt. 25. 1, 2. O Senhor de fato puniu este sumo sacerdote de modo muito terrível, pois poucos anos depois

<sup>2)</sup> 87) Ramsay, *The Bearing of Recent Discovery*, 90.

ele pereceu num tumulto feito por seu próprio filho. Os circunstantes, chocados com as palavras de Paulo, perguntaram se ele, desta forma, insultava o sumo sacerdote de Deus, isto é, o representante de Deus, enquanto exercia as obrigações de seu ministério, Dt. 17. 12. A resposta de Paulo pode ser tomada como uma excusa ou apologia. Ananias estava meramente presente como um membro do sinédrio. Não ocupava a cadeira da direção e nem trajava as vestes características de seu ofício. E Paulo não o conhecia pessoalmente. Por isso, ele pode ter desejado admitir que sua conduta, no que dizia respeito ao insulto, não estava enquadrada em Ex. 22. 28. Lutero, seguindo a Agostinho, acredita que a resposta de Paulo foi mordaz ironia e deboche.<sup>3)</sup> É perfeitamente certo e justo, quando cristãos criticam e reprovam os pecados do governo, mas isto sempre deve ser feito com o devido respeito.

Uma divisão entre os membros do sinédrio: *V. 6) Sabendo Paulo que uma parte do sinédrio se compunha de saduceus e outra de fariseus, exclamou: Varões, irmãos: Eu sou fariseu, filho de fariseus; no tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado. 7) Ditas estas palavras, levantou-se grande dissensão entre fariseus e saduceus, e a multidão se dividiu. 8) Pois os saduceus declaram não haver ressurreição, nem anjo, nem espírito; ao passo que os fariseus admitem todas estas coisas. 9) Houve, pois, grande vozaria. E levantando-se alguns escribas da parte dos fariseus contendiam, dizendo: Não achamos neste homem mal algum; e será que algum espírito ou anjo lhe tenha falado? (Obs.: no texto inglês acontece a seguinte adição: não lutemos contra Deus).* Paulo descera para a reunião na esperança de que haveria uma audiência verdadeira. Planejava fazer uma defesa calma, a qual fora interrompida grosseiramente por uma desautorizada interferência do sumo sacerdote. Visto que não se podia esperar um inquérito ímpoluto e nem uma decisão justa da parte de fanáticos tão preconceituosos, ele agora adotou um método diferente. Sabendo que uma parte do sinédrio, a saber a parte menor, era constituída por saduceus, e a outra parte de fariseus, ele exclamou diante de todos que ele era um fariseu e um filho ou discípulo de fariseus. Esta afirmação não algum truque sem importância ou alguma fraude maldosa, como alguns têm afirmado. Todos na assembléia sabiam que ele era cristão. Por isso sua asserção foi entendida por eles do modo como deve ser entendida por nós, que ele fora um membro desta seita e, como muitos antigos fariseus, em muitas doutrinas ainda concordava com eles. Foi a respeito duma delas que agora estava em julgamento, a saber, a da esperança e da realidade da ressurreição dos mortos. Isto foi realmente fato, e não pode ser considerado como um subterfúgio. Pois a doutrina fundamental do evangelho, como pregado por Paulo, foi o fato que Cristo ressuscitara dos mortos, e que por causa de sua ressurreição todos os fiéis estavam certos de sua própria ressurreição para a vida eterna. Logo que Paulo dissera isto houve uma controvérsia, uma dissensão ou uma disputa entre os fariseus e saduceus. Antes disso todo o corpo do sinédrio, a multidão inteira, estivera unida contra Paulo, mas agora estiveram divididos em dois partidos, nas duas facções que via de regra estavam em inimizade entre si por causa de suas posições doutrinárias diferentes. Pois, como Lucas insere aqui como explicação, os saduceus tinham o costume de dizer que não há ressurreição, nem anjo e nem espírito. Sua posição era a da negação, da rejeição. Os fariseus, porém, confessavam e acreditavam tanto na ressurreição dos mortos como na existência de espíritos. O alvoroço sobre o assunto aumentava a cada momento, tornando-se finalmente violento. Nos debates dos judeus havia o costume de ir até o lado daquele cuja causa se esposava, registrando incidentalmente assim seu voto. E por isso nesta ocasião alguns dos escribas dentre os fariseus assumiram de público a posição de Paulo, levantando-se e parando ao seu lado, e discutindo energicamente, argumentando com muita violência em seu favor. Afirmaram que não encontraram nada de mal no acusado, e que mal havia se um espírito ou um anjo lhe houvesse falado, como ele havia afirmado no dia anterior? – tudo não seria motivo para que o homem devesse ser condenado. Os chefes judeus, desta forma, estiveram num apuro tão ruim como jamais estiveram. O objetivo do comandante ao convocar esta reunião foi forçar os judeus a mostrar a causa por que haviam clamado pela morte de Paulo, aqui, porém, estavam eles, não só sem qualquer acusação que pudesse ter algum peso diante dos romanos, mas até envolvidos numa triste controvérsia entre si. Bem assim a dissensão dos infieis muitas vezes tem redundado na liberdade ou nalgum outro

---

<sup>3)</sup> 88) Lutero, 19. 695; 22. 1728.

benefício dos fiéis. Esta é uma das maneiras em Deus conserva e protege sua igreja em meio a este mundo mau, que ele cria dissensão nas mentes dos inimigos.

Paulo tranqüilizado pelo Senhor: *V. 10) Tomando vulto a celeuma, temendo o comandante que fosse Paulo espedaçado por eles, mandou descer a guarda para que o retirassem dali e o levassem para a fortaleza. 11) Na noite seguinte, o Senhor, pondo-se ao lado dele, disse: Coragem! pois do modo por que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma.* Quando o tumulto dos judeus a respeito de Paulo se tornou maior e mais violento a cada minuto, o quiliarca, que era mais um espectador interessado na sena do que um ativo participante, ficou apreensivo, começou a temer que Paulo de fato fosse feito por eles em pedaços. Aqueles que tomaram o seu lado o seguravam para o protegerem, enquanto outros o agarravam com violência para o arrastarem embora, sendo ele, desta forma, puxado para cá e para lá. Por isso Lísias deu ordens por meio dum ordenança que toda a corporação de soldados que sempre estava de prontidão descesse do patamar de Antônia à área do templo e tirasse o prisioneiro do seu meio, e a seguir o conduzissem ao quartel. Assim aconteceu, que Lísias mais uma vez ficou desapontado em sua tentativa de descobrir os fatos a respeito do caso de Paulo. Certamente, porém, deve ter concluído que os judeus não tiveram contra ele qualquer acusação de natureza política que pudessem ou quisessem formular. Neste ponto, porém, o Senhor veio em socorro de seu servo. O próprio Senhor, na noite seguinte à citação diante do sinédrio, em visão esteve ao seu lado ou suspenso sobre ele quando ele dormia, e o tranqüilizou, dizendo-lhe que do mesmo modo como havia dado em Jerusalém testemunho ousado dos fatos a Seu respeito, ou seja, pregara pública e destemidamente o evangelho de sua graça, assim, segundo a vontade de Deus, lhe seria necessário dar testemunho também em Roma. Paulo havia planejado visitar Roma na primeira oportunidade. Escrevera aos cristãos de Roma uma epístola que continha uma completa exposição da doutrina cristã. De fato veria a cidade, ainda que provavelmente não como ele o havia planejado. Os destinos da igreja estão nas mãos do Cristo exaltado. É ele quem está próximo de seus confessores fiéis e lhes confirma e aponta o curso do evangelho conforme ele o deseja.

#### *A Conspiração Dos Judeus.* At. 23. 12-22.

O plano assassino dos judeus: *V. 12) Quando amanheceu, os judeus se reuniram e, sob anátema, juraram que não haviam de comer nem beber, enquanto não matassem a Paulo. 13) Eram mais de quarenta os que entraram nesta conspiração. 14) Estes, indo ter com os principais sacerdotes e os anciãos, disseram: Juramos, sob pena de anátema, não comer coisa alguma enquanto não matarmos a Paulo. 15) Agora, pois, notificai ao comandante, juntamente com o sinédrio, que vo-lo apresente como se estivésseis para investigar mais acuradamente a sua causa; e nós, antes que ele chegue, estaremos prontos para assassiná-lo.* Não é difícil de imaginar o que aconteceu na reunião dos judeus, depois que Paulo foi tirado deles pelos soldados romanos, como culpavam e acusavam uns aos outros pela imbecilidade de terem deixado escapar sua vítima pretendida, como juravam achar algum jeito para eliminar o odiado pregador de Cristo na primeira ocasião possível. Aparentemente esta oportunidade se ofereceu logo. Pois, no dia seguinte os judeus, um certo número deles que estavam excepcionalmente violentos na expressão de seu ódio contra Paulo, formaram uma conspiração, quando solenemente se mancomunaram com um juramento de maldição, colocando-se sob um anátema, tornando-se sujeitos aos mais terríveis castigos de Deus no caso de comerem ou beberem antes de terem matado a Paulo. Estes quarenta estranhos judeus, que assim se tornaram culpados dum uso quase inacreditavelmente blasfemo do nome de Deus, muito provavelmente pertenceram à classe dos cruéis zelotes conhecidos como assassinos, que, no interesse daquilo que acreditavam ser a verdadeira ortodoxia, não recuavam diante de qualquer crime. Evidentemente sentiram-se firmes sobre seu chão, pois não hesitaram em vir aos principais sacerdotes e aos anciãos e expor-lhes o seu plano, talvez não oficialmente mas com a plena expectativa dum reconhecimento e duma aprovação oficiosa. Com franqueza lhes disseram que se mancomunaram sob uma terrível maldição de não aceitarem nenhum alimento até que houvessem matado a Paulo. Precisavam, porém, a cooperação dos principais sacerdotes para executar seu plano criminoso, sendo sua sugestão, em resumo, que os chefes judeus deviam

insinuar junto ao tribuno romano que tinham a intenção, juntamente com todo o sinédrio, de conseguir um exame mais exato do caso de Paulo, como se quisessem julgar mais acuradamente seu caso. O tribuno por esta razão devia conduzir o prisioneiro até eles. E os assassinos estiveram prontos, totalmente preparados, para assassinar a Paulo quando estava a caminho, antes mesmo que chegasse próximo ao lugar da reunião, para que sobre os membros do sinédrio não houvesse qualquer suspeição quanto a uma cumplicidade no crime. Na verdade foi um esquema diabólico, aparentemente destinado a ter sucesso. Da mesma forma o ódio do mundo contra os confessores de Cristo, até hoje, não irá hesitar em empregar as medidas extremas, como juramentos blasfemos e conspirações e assassinatos, para impedir o progresso do evangelho.

A conspiração revelada: *V. 16) Mas o filho da irmã de Paulo, tendo ouvido a trama, foi, entrou na fortaleza e de tudo avisou a Paulo. 17) Então este, chamando um dos centuriões, disse: Leva este rapaz ao comandante, porque tem alguma coisa a comunicar-lhe. 18) Tomando-o, pois, levou-o ao comandante, dizendo: O preso Paulo, chamando-me, pediu-me que trouxesse à tua presença este rapaz, pois tem algo que dizer-te. 19) Tomou-o pela mão o comandante e, pondo-se à parte, perguntou-lhe: Que tens a comunicar-me? 20) Respondeu ele: Os judeus decidiram rogar-te que amanhã apresentes Paulo ao sinédrio, como se houvesse de inquirir mais acuradamente a seu respeito. 21) Tu, pois, não te deixes persuadir, porque mais de quarenta entre eles estão pactuados entre si, sob anátema, de não comer nem beber, enquanto não o matarem; e agora estão prontos, esperando a tua promessa. 22) Então o comandante despediu o rapaz, recomendando-lhe que a ninguém dissesse ter-lhe trazido estas informações.* Aqui temos a primeira e única referência direta à família à qual Paulo pertencia, quando é introduzido na história o filho de sua irmã, de seu sobrinho. Não é possível determinar, se a irmã de Paulo morava em Jerusalém, ou se o jovem subira para a festa de pentecostes. Este jovem, de algum modo, chegou a ouvir a respeito da conspiração, recebeu total informação sobre o esquema dos judeus, de sua emboscada. O texto mostra sua pressa, pois repentinamente apareceu no Forte Antônia, apareceu de surpresa e entrou no quartel. Evidentemente os amigos de Paulo tiveram a permissão de visitá-lo, e por isso ninguém se apôs à visita do jovem. Assim aconteceu, que pôde anunciar e relatar toda a história para Paulo. Paulo imediatamente entendeu que a conspiração só podia ser frustrada com a observação do mais restrito segredo, que qualquer falta de adequada precaução poderia precipitar uma crise séria. Por isso chamou a si um dos centuriões e lhe pediu que levasse o jovem ao comandante, visto que tinha a fazer-lhe uma comunicação, que tinha uma notícia para ele. Conseqüentemente, o centurião fez que o jovem o acompanhasse até o quiliarca, onde o apresentou com observação que Paulo, o prisioneiro, o chamara e lhe pedira que levasse este jovem a ele, visto que tinha algo a lhe dizer. O quiliarca sentiu imediatamente que algo de anormal no ar, por isso, com finura e um gesto tranquilizador, levou o jovem pela mão e o conduziu para um lado e lhe perguntou: Quais são as novas que tens para mim? Este trato deu ao informante a necessária confiança, e rapidamente contou sua história, acrescentando aqueles pontos que revelavam seu especial interesse. Os judeus em conjunto haviam resolvido, ou feito o plano, de pedir ao comandante da guarnição que conduzisse Paulo ao sinédrio, como se este quisesse examinar com maior precisão seu caso, enfocando-o com mais cuidado do que no dia anterior. Neste ponto a excitação vence ao narrador, e ele insiste sinceramente com o quiliarca para que não confie neles, visto que mais do que quarenta judeus estariam em tocaia, tendo todos eles se pactuado numa terrível maldição a não comer nem beber até terem afastado Paulo do caminho, até o terem morto. Estes já agora estavam prontos, esperando tão somente a promessa do tribuno romano. Esta seria a senha de que precisariam para se preparar para o assalto assassino. Foi assim que o Senhor frustrou então, e da mesma maneira o faz em nossos dias, os maus desígnios dos inimigos da igreja e de seus servos. Sem sua permissão nem um só cabelo de sua cabeça poderá cair. Lísias, com uma advertência sobre a necessidade do mais restrito segredo, despediu ao jovem.

*Paulo Levado Para Cesaréia.* At. 23. 23-35.

Os preparativos para a viagem: *V. 23) Chamando dois centuriões, ordenou: Tende de prontidão, desde a hora terceira da noite, duzentos soldados, setenta de cavalaria e duzentos*

*lanceiros para irem até Cesaréia; 24) preparai também animais para fazer Paulo montar e ir com segurança ao governador Felix, 25) e quem escreveu uma carta nestes termos: 26) Cláudio Lísias ao excelentíssimo governador Felix, saúde. 27) Este homem foi preso pelos judeus, e estava prestes a ser morto por eles, quando eu, sobrevindo com a guarda, o livreii, por saber que ele era romano. 28) Querendo certificar-me do motivo por que o acusavam, fi-lo descer ao sinédrio deles; 29) verifiquei ser ele acusado de coisas referentes à lei que os rege, nada, porém, que justificasse morte, ou mesmo prisão. 30) Sendo eu informado de que ia haver uma cilada contra o homem, tratei de enviá-lo a ti, sem demora, intimando também os acusadores a irem dizer na tua presença o que há contra ele. Saúde. É preciso creditar a Lísias o fato que ele o curso que tanto a justiça como a prudência ditaram. Se tivesse ignorado a informação recebida poderia ter-se tornado cúmplice no assassinato de Paulo. Se abatesse os assassinos quando fizessem seu assalto, iria tornar os judeus seus ásperos inimigos. Mas ele agiu de modo rápido e prudente. Convocou dois dos centuriões sob seu comando e ordenou-lhes para que tivessem prontos para uma marcha para Cesaréia, tivesse prontos para marchar, pelas nove horas da noite, duzentos homens da infantaria, que eram soldados fortemente armados, e setenta cavalarianos, e duzentos soldados de armação leve que eram arremessadores de lança ou carregadores de lança. Também deviam ser aprontados animais de sela, para que pudessem sentar Paulo num destes, havendo também um animal substituto caso fosse preciso, e o conduzir seguro até Felix, que era o governador, que residia em Cesaréia, a capital política da província. Caso Lísias teve só mil homens sob seu comando em Jerusalém, sendo 760 da infantaria e 240 da cavalaria, então reduzira consideravelmente sua força para prover uma escolta segura a Paulo, mas a gravidade da situação fora por ele plenamente considerada, e conforme esta ele tomou as medidas necessárias. Também escreveu uma carta ao governador como ao homem que lhe era superior em hierarquia e que era o côrte superior da província. Esta carta é curiosa porque está tingida pela compreensão de Lísias, e porque ela naturalmente visa colocar sua própria conduta num prisma favorável. Lucas fornece um resumo desta carta. Ela inicia com o cumprimento usual, a saudação introdutória do escritor ao endereçado. De Paulo, a quem ele menciona com respeito, ele diz, que fora apanhado, ou fora detido, pelos judeus e que estava por ser morto por eles, quando ele, aparecendo, pelo que parece, exatamente neste momento com os soldados sob seu comando, tirara deles e o resgatara. O fato que Lísias aqui se refere à tropa naturalmente queria significar que ele precisou de todos os soldados da guarnição para abafar a inquietação, e com sua prudência queria impressionar o governador. O mesmo vale da afirmação de que procedera assim depois de descobrir que Paulo era cidadão romano. Também aqui o tribuno, para enfatizar seu zelo no serviço público, distorce a verdade, pois foi só depois de ter resgatado a Paulo que ele descobriu que este era romano. A seguir o escritor prossegue relatando como ele sinceramente quis descobrir o motivo por que acusavam a Paulo, e o levava a uma reunião do sinédrio deles. Na ocasião só descobriu que ele estava sendo acusado sobre certas exigências da lei dos judeus, mas que não cometera nenhum crime que merecesse a morte ou mesmo só a prisão. Enquanto isto também fora informado que alguns dos judeus estavam conspirando contra este homem, para lhe tirar a vida, motivo pelo qual o remetera imediatamente ao governador (ênfatizando novamente seu zelo pessoal), incidentalmente comunicando aos acusadores de que precisam trazer seu assunto à presença do governador. A carta toda mostra que Lísias fez todos os esforços para impressionar favoravelmente a Felix, visto que no grande jogo da política nunca se sabe dizer o que vale uma boa impressão, e promoções sempre são bem-vindas. Os cristãos aplicarão histórias como esta para recordar a injunção do Senhor para serem prudentes como as serpentes e símplices como as pombas, Mt. 10. 16.*

*A viagem e chegada em Cesaréia: V. 31) Os soldados, pois, conforme lhes foi ordenado, tomaram a Paulo e, durante a noite, o conduziram até Antipátride; 32) no dia seguinte, voltaram para a fortaleza, tendo deixado aos de cavalaria o irem com ele; 33) os quais, chegando a Cesaréia, entregaram a carta ao governador, e também lhe apresentaram Paulo. 34) Lida a carta, perguntou o governador de que província ele era; e, quando soube que era da Cilícia, 35) disse: Eu te ouvirei, quando chegarem os teus acusadores. E mandou que ele fosse detido no pretório de Herodes. A partida de Jerusalém foi feita de noite, para despertar a menor atenção possível, e a escolta armada foi tão forte que facilmente podia afastar o ataque de algum bando de assassinos. Igualmente o fato que os soldados saíram pela estrada*

do norte serviu para fugir da notoriedade. Marcharam uns sete quilômetros, pela estrada cujo calçamento ainda pode ser visto em certos lugares, e a seguir viraram para o leste pelas montanhas de Efraim e desceram à linda planície de Saron, onde ficava Antipátride. Esta foi uma marcha árdua de uns 54 quilômetros, e deve ter sido desgastante para Paulo. Estiveram, porém, agora fora de qualquer possível perigo dum ataque que partisse de Jerusalém. Por isso os 400 homens da infantaria se apartaram e voltaram para o quartel da Torre de Antônia em Jerusalém, deixando aos cavaleiros a continuação da viagem com Paulo. Estes homens alcançaram Cesaréia no tempo devido, entregaram a carta ao governador, e lhe apresentaram Paulo. O procurador leu a carta e então perguntou a Paulo sobre o tipo de província a que pertencia, se era imperial ou senatorial, visto que precisava desta informação para completar o relato de Lísias sobre o caso. “Um procurador da Judéia, como foi Felix, só estava subordinado ao governador da Síria, porquanto este último, quando necessário, podia fazer valer seu poder supremo. O comando militar e a jurisdição independente do procurador davam-lhe autoridade exclusiva em todos os casos ordinários, mas o governador podia assumir o comando superior quando tinha motivos para temer revolução ou outras dificuldades sérias.”<sup>4)</sup> Quando Felix descobriu que Paulo viera da Cilícia, e que assim podia iniciar de modo apropriado o caso, prometeu-lhe um interrogatório imparcial tão logo que seus acusadores se apresentassem. O governador ordenou que Paulo, enquanto isso, fosse conservado no pretório de Herodes, ou seja, no palácio que Herodes Agripa ali edificara, cap. 12. 19, o qual também tinha uma sala de guarda, onde Paulo podia ficar confiando. Notemos: Aqui encontramos mais uma vez Paulo sob a proteção do governo romano. Foi para isso que o governo foi ordenado por Deus, a saber, para proteger os cidadãos pacíficos, e, por isso, também os cristãos, contra sedição e violência. É desta forma que Deus coloca sua mão protetora sobre os que são seus. Se não for por razões secretas do Senhor, a violência e a fúria de todos os inimigos não podem trazer qualquer dano à Sua igreja.

**Resumo:** Paulo é acusado diante do tribuno romano na presença do sinédrio, e é tornado o alvo duma conspiração assassina dos judeus, após cuja descoberta é enviado por Lísias que é o tribuno romano em Jerusalém, a Felix, o governador.

## Capítulo 24

### O Interrogatório De Paulo Perante Felix. At. 24. 1-22.

A delegação de judeus de Jerusalém: *V. 1) Cinco dias depois desceu o sumo sacerdote, Ananias, com alguns anciãos e com certo orador, chamado Tértulo, os quais apresentaram ao governador libelo contra Paulo. 2) Sendo este chamado, passou Tértulo a acusá-lo, dizendo: Excelentíssimo Felix: Tendo nós, por teu intermédio, gozado de paz perene; e, também por teu providente cuidado, se terem feito notáveis reformas em benefício deste povo, 3) sempre e por toda parte isto reconhecemos com toda a gratidão. 4) Entretanto, para não te deter por longo tempo, rogo-te que, de conformidade com a tua clemência, nos atendas por um pouco.* Paulo estava mais uma vez em Cesaréia, na mesma cidade em que o profeta Agabo predissera sua captura pelos gentios, cap. 21. 11. Fazia poucas semanas que aqui desfrutara a hospitalidade de Filipe e a companhia amigável dos discípulos da cidade, mas agora era um prisioneiro nas mãos dos romanos e atualmente conservado em fechado confinamento no palácio de Herodes. Depois de cinco dias, porém, contando desde o dia depois que Paulo deixara Jerusalém, quando os judeus receberam informação formal de Lísias, o sumo sacerdote Ananias junto com vários anciãos e um certo orador, chamado Tértulo, fizeram a viagem de Jerusalém para Cesaréia. Como se nota, os líderes judeus não perderam tempo para escolher uma delegação representativa do Sinédrio, tendo o próprio Ananias à frente. Também haviam ajustado os serviços dum advogado romano, chamado Tértulo, visto que agora tinham que comparecer a um tribunal romano regular e, por isso, deviam ter um advogado que fosse familiar com o procedimento num tribunal como este. Esta delegação apresentou formalmente ao procurador, por meio de seu advogado, informação contra Paulo, expressando suas acusações na maneira como era exigido pela prática legal romana. Quando Paulo foi então convocado para

---

<sup>4)</sup> *Expositor's Greek Testament, II. 476.*

comparecer ante estes acusadores, Tértulo, com grande dedicação de oratória, começou seu discurso de acusação contra o prisioneiro. É de notar que o advogado tenta sustentar por meio dum avalanche de palavras a fraqueza da causa que representa. A introdução de seu discurso tão só queria bajular o governador e atrair sua boa vontade em defesa dos judeus. O orador, em termos efusivos, louvou a paz uniforme e completa que lhes sobreviera, que por meio dele gozavam, e as melhorias e reformas, ou feitos muito valiosos que se haviam tornado a propriedade do povo, por meio de sua providência, que antecipadamente havia planejado todos estes benefícios para a nação. E, como Tértulo enfatiza com grande ostentação de subserviência, os judeus aceitaram tudo isto sempre e em qualquer lugar, com toda o apropriado reconhecimento. O nome completo do muitíssimo honrável Felix, como Tértulo chama o governador, ou o procurador da Judéia, foi Antônio Felix. Foi um liberto do imperador Cláudio e um irmão de Palas, que foi um dos favoritos de Nero. Assumiu sua tarefa no ano 53 A.D., depois da deposição de Cumano, mas, como diz o historiador Tácito, ele exerceu o poder dum rei no espírito dum escravo, que foi um fato que mais tarde causou seu regresso. De certo modo, era verdadeira a primeira afirmação de Tértulo, que Felix restaurara e mantivera a paz na província, visto que havia sufocado alguns bandos de assaltantes que haviam infestado o país. Mas tudo fora contrabalançado pelo fato que empregou assassinos para matar o somo sacerdote Jonatã, e que era sujeito a paixões violentas e egoístas. A próxima referência do advogado a medidas de reforma precisa diminuída por causa do fato que os historiadores retratam sua arbitrariedade, que finalmente fez com que houvesse constante inquietação e rebelião. E a asserção que a nação judaica em toda parte e sempre foi agradecida a Felix pelos seus serviços, depois, foi comprovada como falsa com base nos fatos que os próprios judeus foram seus acusadores em Roma. Podemos, por isso, quando muito, considerar o título como uma mera forma vazia. Quando a polidez e o tacto degeneram em vergonhosa bajulação e num arremedo de servidão, então a verdade e a honestidade são, inevitavelmente, deixadas de lado. Esta impressão é reforçada pelas próximas palavras. Pois Tértulo agora age como se ainda nem tivesse começado a mencionar todos os feitos louváveis de Felix, que, se o tempo o permitisse, com prazer iria continuar indefinidamente no mesmo tom. Insinua, porém, que o governador está por demais atarefado em seus projetos de mais reformas e que a ele não compete impedir e cansá-lo por meio dum tedioso recital de todas as suas excelências. Por isso quer considerar que já disse o suficiente, e tão só pedir que o governador gentilmente lhes ouça, e, se possível, atenda seu desejo, conforme é seu gentil costume. Promete ser breve, para não cansar a cordial atenção de Felix. É um exemplo de hipocrisia bajuladora e nauseante.

As acusações contra Paulo: *V. 5) Porque, tendo nós verificado que este homem é uma peste, e promove sedições entre os judeus esparsos por todo o mundo, sendo também o principal agitador da seita dos nazarenos, 6) o qual também tentou profanar o templo, nós o prendemos, (com o intuito de julgá-lo segundo a nossa lei. 7) Mas sobrevivendo o comandante Lísias, o arrebatou das nossas mãos com grande violência, 8) ordenando que os seus acusadores viessem à tua presença). Tu mesmo, examinado-o, poderás tomar conhecimento de todas as coisas de que nós o acusamos. 9) Os judeus também concordaram na acusação, afirmando que estas coisas eram assim.* Depois da introdução de promessa retórica, o enunciado das acusações contra Paulo é ainda mais fraco. Tértulo declara que os judeus acham que este homem é uma completa peste, uma pessoa demasiadamente má e perversa; um incitador de sedições para todos os judeus do mundo inteiro, em todo o tamanho do Império Romano, um destruidor de qualquer paz e ordem porque criava guerra de palavras, um cabeça da seita dos nazarenos, o desprezível apelido dado aos seguidores de Jesus. Este homem, contra quem foram ditas estas acusações, tentou profanar o templo, como a indignidade suprema de sua carreira e como uma expressão do baixo nível atribuído a ele. Após isto os judeus o pegaram ou arrestaram com a intenção, como afirma Tértulo, de lhe dar um julgamento justo conforme sua própria lei. Isto, mais uma vez, foi um constrangimento da verdade por meio dum desforra, visto que o caso que ocorreu no templo fora um ato da violência do povo, e que de modo algum podia ser interpretado diferentemente. O quiliarca Lísias, contudo, como o advogado afirma com grande ostentação de ultrajada justiça, sobreviera-lhes e levava o prisioneiro, tirando-o de suas mãos à força e violência armada, interferindo desta forma, como Tértulo sugere, com a lei conforme a qual fora permitido pelos romanos que os judeus eliminassem qualquer pessoa que profanasse o templo. A seguir Lísias ordenara que os

acusadores de Paulo fossem ao governador, sendo que este podia agora, como o advogado conclui seu discurso, inquirindo ao prisioneiro, chegar a uma compreensão, a uma conclusão, sobre as acusações que trouxeram contra ele. Sua decisão, como o tom de Tértulo sugere, possivelmente não podia ser outra do que em favor dos judeus. Foi uma excelente trama de mentiras que o astuto legista elaborara com a distorção dos fatos, acrescentando razões que não haviam existido no tempo quando certos fatos haviam sido efetivados, e fazendo afirmações sobre o caráter do prisioneiro que não passavam de calúnias. Mas os judeus se juntaram na acusação, confirmando as palavras de seu advogado, e falsamente afirmando que todas estas coisas eram verdade, que estes eram exatamente os fatos em referência. É exatamente desta forma que os descrentes e os inimigos de Cristo buscam entrar e destruir a verdade.

Paulo nega as acusações: *V. 10) Paulo, tendo-lhe o governador feito sinal que falasse, respondeu: Sabendo que há muitos anos és juiz desta nação, sinto-me à vontade para me defender, 11) visto poderes verificar que não há mais de doze dias desde que subi a Jerusalém para adorar; 12) e que não me acharam no templo discutindo com alguém, nem tão pouco amotinando o povo, fosse nas sinagogas ou fosse na cidade; 13) nem te podem provar as acusações que agora fazem contra mim.* A posição de Paulo neste caso foi muito desagradável, pois foi posto de modo repentino, com o gesto da mão do governador, colocado diante da necessidade de responder as acusações que eram de natureza muito grave, sendo que algumas delas, de fato, eram tão sérias, que, se confirmadas, podiam resultar em castigo severo, caso não a morte. Mas ele confiou na promessa do Senhor que lhe daria tanto boca como sabedoria, Lc. 21. 15. Sua resposta está visivelmente livre da lisonjeira bajulação que fora o aspecto mais saliente do discurso de Tértulo. Apegou-se ao fato, o qual sabia que era verdade, que Felix por muitos anos já fora o juiz deste povo, que por algum tempo fora a mais alta autoridade judicial no país, e que desta forma adquirira um conhecimento pessoal de suas obrigações públicas e alguma intuição nos costumes religiosos dos judeus. Nesta ocasião Felix já era procurador da Judéia por seis ou sete anos, o que era um período comparativamente longo para um governo neste país, e esteve obrigado a estar em constante contacto com a vida e os costumes judeus. Foi este fato, por isso, deu a Paulo a necessária coragem de fazer sua defesa com toda franqueza e confiança. Paulo afirma como seu primeiro propósito, visto que Felix podia ganhar com base nele uma noção clara da situação, que não fazia mais de doze dias desde que subira para Jerusalém para adorar. Esta afirmação facialmente pode ser justificada de várias formas, como o têm mostrado bom número de historiadores, sendo sem sentido a seqüência dos eventos. Dois fatos se destacam nesta frase, a saber, que o propósito expresso de Paulo ao ir para Jerusalém foi adorar, e que a exigüidade do tempo provavelmente não lhe teria permitido fomentar uma insurreição. Por isso ele nega categoricamente as acusações que haviam sido feitas pelos judeus por meio do advogado deles. Não o haviam encontrado discutindo, argumentando, batendo boca com quem quer que fosse. Não o haviam surpreendido no ato de incitar um levante do povo, nem na sinagoga e nem em qualquer outra parte da cidade. Não podiam oferecer ou fornecer qualquer prova ao governador sobre qualquer uma das acusações que estavam reunindo contra ele. A asserção sincera de Paulo sobre a verdade não foi só uma negação total da acusação de que fora um agitador entre os judeus em todas as partes do império, mas incidentalmente desafiou os opositores a fornecerem provas de suas acusações. Foi assim que Paulo põe um ponto final às acusações iniciais de Tértulo numa forma de tal manifesta veracidade que impressionou profundamente. Se os mesmos métodos forem seguidos pelos cristãos de nossos dias, geralmente suportarão melhor sua causa do que por meio dum encolhido medo e falsa submissão.

A acusação de ser um nazareno: *V. 14) Porém, confesso-te isto que, segundo o Caminho, a que chamam seita, assim eu sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei, e nos escritos dos profetas, 15) tendo esperança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos. 16) Por isso também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens.* Aqui Paulo pegou a acusação seguinte, a de ser um líder dos nazarenos. Sem se referir ao título que lhe concederam, orgulhosamente confessa esta acusação, caso isto for um crime, incluindo, contudo, também uma censura aos próprios judeus. Ele servia o Deus dos pais segundo a maneira que eles gostavam de chamar uma seita, um partido sismáticos. O pensamento contido nas palavras de Paulo foi que o cristianismo não era uma separação, mas antes o cumprimento

da religião e da fé dos judeus. Não há diferença no tipo, mas só no grau, entre a religião do Antigo e do Novo Testamento. Os patriarcas dos judeus foram salvos pela fé no Messias vindouro, enquanto os cristãos são salvos pela fé no Cristo que já veio e cumpriu as principais profecias antigas. A fé de Paulo, desta forma, se apegou em todas as coisas que haviam sido escritas em toda a lei e nos profetas. Tão somente Paulo sabia que as esperanças messiânicas haviam sido realizadas em Jesus de Nazaré, enquanto seus acusadores ainda tateavam nas trevas e na cegueira numa esperança que jamais se cumpriria. E ele acalentava a mesma esperança para com Deus como a que estes homens também aceitavam, a saber, que certamente ocorreria uma ressurreição do justo como também do injusto. Notamos que aqui Paulo não faz distinção entre o sumo sacerdote, que era saduceu, e os representantes do sinédrio que eram fariseus, preferindo considerá-los simples judeus que sustentavam a esperança de toda sua nação. Por este motivo Paulo, porque esteve firme em sua fé, se esforçava, sinceramente se empenhava, como também eles o faziam, em ter uma consciência limpa para com Deus e para com todas as pessoas. Num cristão a fé na Palavra de Deus e sua esperança na ressurreição dos mortos formam o estímulo mais forte e a força propulsora. Notemos: A defesa de Paulo, em especial nesta parte, é uma excelente apologia do cristianismo e da fé cristã. É assim que são silenciados os opositores da verdadeira fé, quando não conseguem comprovar suas asserções contra os cristãos, e quando, além disso, a fé e a vida dos cristãos de fato podem ser usadas como defesa deles. Os cristãos não formam uma nova seita. Sua religião é a religião verdadeira, tal como aconteceu desde o começo. Eles crêem na Palavra de Deus e têm a esperança da ressurreição do corpo e da vida eterna.

A conclusão da defesa de Paulo: *V. 17) Depois de anos vim trazer esmolas à minha nação, e também fazer oferendas, 18) e foi nesta prática que alguns judeus da Ásia me encontraram já purificado no templo, sem ajuntamento e sem tumulto, 19) os quais deviam comparecer diante de ti e acusar, se tivessem alguma coisa contra mim. 20) Ou estes mesmos digam que iniquidade acharam em mim, por ocasião do meu comparecimento perante o Sinédrio, 21) salvo estas palavras que clamei, estando entre eles: Hoje sou eu julgado por vós acerca da ressurreição dos mortos. 22) Então Félix, conhecendo mais acuradamente as coisas com respeito ao Caminho, adiou a causa, dizendo: Quando descer o comandante Lísias, tomarei inteiro conhecimento do vosso caso.* Tendo-se livrado das acusações dos judeus e tendo mostrado sua total insustentabilidade, Paulo agora inverte as posições de seus acusadores e cita algumas considerações que os colocam numa posição muito desconfortável. Afirma o objetivo da presente viagem. Ele, depois de certo número de anos, talvez de uns oito ou nove anos, subira para trazer esmolas para sua nação, que eram as coletas que fizera nas congregações de Macedônia, Acaia e Ásia, e para ofertar sacrifícios, ou seja, os costumeiros sacrifícios da festa, ou talvez incluiu as ofertas feitas por causa dos cristãos judeus nazireus. Foi na realização destas obrigações religiosas, depois de ter sido purificado no templo, que alguns judeus da Ásia o acharam, mas não com uma turma de gente que ele estivesse incitando para uma sedição, nem com qualquer outro tumulto que pudesse ter resultado de alguma intriga sua. Estes judeus haviam sido os primeiros que o haviam capturado (uma correção branda da afirmação do v. 6), e, se as palavras de Lísias tivessem sido obedecidas, o lugar correto deles deveria ter sido estar presente neste julgamento e apresentar acusação. Foi um fato significativo, como Paulo aponta, que as únicas testemunhas oculares do que ele fizera no templo não estavam presentes para testemunhar contra ele. A este disparo impressionante Paulo acrescenta outra observação sarcástica. Desafia exatamente aos presentes para que digam que falta encontraram nele quando esteve diante do sinédrio na audiência de Lísias, a não ser que foi referente a esta uma elocução que exclamou quando esteve em pé diante deles, que hoje estava em julgamento diante deles por causa da ressurreição dos mortos. Este foi por isso um sarcasmo muito eficiente, visto que mostrou a Félix que eles foram movidos contra ele por inveja partidária, que toda a disputa dizia respeito a um assunto em que os próprios judeus divergiam. A defesa de Paulo, em seu conjunto, foi uma justificação brilhante de si mesmo e de sua causa, que arrasou completamente a trama de mentiras que Tértulo levantara. E Félix sentiu exatamente isto. Agiu, porém, modo característico. Despediu os judeus e reencarcerou a Paulo até uma próxima audiência, como se, sem um inquérito adicional, não fosse possível decretar imediatamente um veredito de absolvição ou de condenação. Félix teve um conhecimento mais exato e detalhado a respeito do caminho, ou seja, da religião cristã, visto que todos estes anos

não fora cego e porque em Cesaréia havia uma congregação cristã. Ele sabia que os cristãos eram pessoas inofensivas e inocentes. Doutro lado, motivos políticos lhe proibiam assumir publicamente o lado de Paulo e com isto provocar a inimizade dos judeus. Por isso dá como razão de sua ação que precisa esperar até que Lísias, o quiliarca, descesse, quando, podendo consultar o testemunho de todos os lados, teria condições de oferecer uma decisão. Notemos: Neste momento, Félix, semelhante a Pôncio Pilatos, é exemplo dum juiz injusto, de alguém que realmente deseja impedir grosseira violência, mas ao mesmo tempo corteja o favor das pessoas e restringe os direitos dos cristãos.

Paulo Conservado Prisioneiro. At. 24. 23-27.

V. 23) *E mandou ao centurião que conservasse a Paulo detido, tratando-o com indulgência e não impedindo que os seus próprios o servissem.* 24) *Passados alguns dias, vindo Félix com Drusila, sua mulher, que era judia, mandou chamar Paulo e passou a ouvi-lo a respeito da fé em Cristo Jesus.* 25) *Dissertando ele acerca da justiça, do domínio próprio e do juízo vindouro, ficou Félix amedrontado e disse: Por agora podes retirar-te e, quando eu tiver vagar, te chamarei;* 26) *esperando também ao mesmo tempo que Paulo lhe desse dinheiro; pelo que, chamando-o mais freqüentemente, conversava com ele.* 27) *Dois anos mais tarde Félix teve como sucessor Pórcio Festo; e, querendo Félix assegurar o apoio dos judeus, manteve Paulo encarcerado.* O caso de Paulo continuou de modo indefinido. Foi conservado sob custódia só por motivos de conveniência e políticos de Félix. Mas o procurador, ao menos, teve tanta compaixão que tornou o confinamento de Paulo tão leve quanto possível. Deu ordens determinadas a certo centurião para que o conservasse em custódia, tornando, desta forma, o oficial responsável por sua segurança. Contudo, ao mesmo tempo, devia usar de tolerância para com ele, devia permitir-lhe um tanto de liberdade de movimentos, e que nenhum dos de seu próprio povo que eram os membros da congregação cristã local e também outras pessoas fosse impedido para servi-lo. Era permitido qualquer tipo de atendimento pessoal, até mesmo em assuntos pequenos, estendendo-se a indulgência até onde o centurião o considerava seguro. Algum tempo depois veio Félix com sua esposa Drusila, a qual era judia, tendo retornado à cidade, provavelmente depois ter feito uma visita a um local não mencionado, e mandou buscar Paulo. Não foi uma audiência formal, mas uma entrevista reservada, provavelmente porque Drusila em muitas ocasiões ouvira falar da religião cristã e quis ouvir este mestre ilustre desta seita dizer algo sobre a fé em Cristo. Esta Drusila foi a filha mais jovem de Herodes Agripa I, e aos quatorze anos fora casada com Azizo que era rei de Êmeso. Félix chegou a conhecê-la, se apaixonou de sua cativante beleza, e, com o auxílio dum feiticeiro judeu, chamado Simão de Chipre, a seduziu de seu esposo, com o qual fora muito infeliz, segundo os relatos de Josefo. Desta forma agora, mesmo que casada com Félix conforme a lei romana, ele vivia, conforme a lei de Deus, com ele numa união adúltera. Onde não reina a palavra de Deus, lá as pessoas se entregam a todas as formas de pecado e vergonha, tal como os desejos da carne as ditam. Paulo voluntariamente concordou com o pedido e, conforme o comando do Senhor, expôs, primeiro, o pecado e suas condenações. Falou de justiça, da absoluta necessidade de pureza à vista de Deus, da inocência perante Seu julgamento. Falou de temperança, do domínio de si mesmo, da necessidade conservar da sensualidade e dos desejos da carne sob o devido controle. Falou do julgamento futuro, quando todas estas coisas serão reveladas aos olhos do Deus onisciente. “Falou de justiça a um juiz, de continência a um governador de província cuja irresponsabilidade e licenciosidade o tornaram notório, e do juízo futuro a um homem que teve a necessidade de ser lembrado de sua futura prestação de contas.” O resultado foi que Félix foi tomado de medo. “Quando voltou o olhar sobre o passado maculado e culpado, teve medo. Fora um escravo da pior de todas as posições, na mais depravada das eras, na mais corrupta das cidades. Com seu irmão Palas entrara na posição dum bajulador na côrte mais degradada de todas as côrtes. Fora um funcionário daqueles auxiliares que eram os piores de todas as tropas. Não temos noção dos segredos de sensualidade e sangue que estão ocultos em sua vida progressa. Mas testemunho amplo e inegável, tanto judeu como pagão, sacro como secular, nos revela o que ele havia sido – quão ganancioso, quão cruel, quão traiçoeiro, quão injusto, quão encharcado no sangue de assassinato pessoal e de massacre público – durante os oito anos que agora havia passado no governo, primeiro da Samaria, e após na Palestina. Havia deixado

pegadas após si. Começou a sentir como se ‘a terra fosse feita de puro vidro’<sup>5)</sup>) É duvidoso se Drusila se sentiu mais confortável do que seu “marido” durante o discurso de Paulo. Para Félix bastara. Disse a Paulo que por ora podia ir. Chamaria-o novamente em tempo conveniente. Aparentemente, contudo, este tempo conveniente jamais veio. Esta é uma das frases favoritas dos pecadores de todas as classes de nossos dias. Só num tempo posterior, depois de terem gozado completamente todas as sensualidades que o mundo tem a lhes oferecer, então querem mudar de vida. Enquanto isto o pecado toma posse tão completa de seus corações que já não conseguem livrar-se dos grilhões. O momento conveniente jamais chega, e eles estão perdidos. Que o coração de Félix fora pouquíssimo tocado pelas sérias palavras de Paulo está evidente no fato que ele esperou receber algum dinheiro de suborno de Paulo. Isto, porque as circunstâncias de Paulo se haviam melhorado desde a provável morte de seu pai, ou porque o procurador acreditou que os cristãos estariam dispostos para coletar dinheiro suficiente em benefício de seu mestre principal para o livrar da vergonha da prisão. Tendo isto em mente, freqüentemente chamava Paulo e conversava com ele, assinalando, muito provavelmente, com alguma indicação feita aqui e acolá quanto ao modo em que rapidamente pudesse conseguir sua liberdade. Paulo, contudo, recusou tornar-se cúmplice dum crime, mas foi surdo a quaisquer insinuações e sugestões, fossem elas abertas ou veladas. Foi assim que dois anos se passaram rapidamente, quando Félix, pelo ano 59 A.D., foi chamado de volta por Nero, sendo Pórcio Festo seu sucessor. E exatamente o último ato de Félix foi uma injustiça contra Paulo, pois querendo ele alcançar o favor dos judeus diante dum eventual retorno à sua posição, deixou Paulo sob custódia em Cesaréia. Sempre que há funcionários inescrupulosos na vida pública ou privada, se descobrirá que são oportunistas, que sempre estão prontos a buscar favores às custas dos outros, e que sempre colocam em destaque sua própria conduta. Aparentemente não lhes diz respeito o fato que, assim, pessoas inocentes podem ser prejudicadas. Mas o governo do Cristo exaltado continua apesar de todos estes subterfúgios e truques miseráveis.

**Resumo:** Paulo se defende contra as acusações dos judeus tal como foram apresentadas a Félix pelo advogado deles, chamado Tértulo, e seu caso se arrasta indefinidamente, sendo ele conservado sob custódia mesmo quando Félix é chamado de volta.

## Capítulo 25

### *Paulo Apela A César.* At. 25. 1-12.

É preparada a audiência perante Festo: *V. 1) Tendo, pois, Festo assumido o governo da província, três dias depois subiu de Cesaréia para Jerusalém; 2) e logo os principais sacerdotes e os maiores dos judeus lhe apresentaram queixas contra Paulo, e lhe solicitaram, 3) pedindo como favor, em detrimento de Paulo, que o mandasse vir a Jerusalém, armando eles cilada para o matarem na estrada. 4) Festo, porém, respondeu achar-se Paulo detido em Cesaréia; e que ele mesmo muito em breve partiria para lá. 5) Portanto, disse ele, os que dentre vós estiverem habilitados que desçam comigo; e, havendo contra este homem qualquer crime, acusem-no.* Pórcio Festo, o novo procurador da Palestina, é referido em termos de louvor por Josefo, porque teve sucesso em limpar a terra de assaltantes matando a muitos dos assassinos que infestavam o país. Assumiu a província ou as suas obrigações como governador, no ano 60 A.D., quando aportou em Cesaréia e tomou posse dos prédios executivos. Mas bem logo, após três dias, ele fez a viagem de Cesaréia para Jerusalém, que ainda era a capital da nação judaica. Evidentemente os líderes judeus não haviam esquecido seu ódio a Paulo durante a prisão do último; mas se algo aconteceu, foi que eles eram ainda mais retalhadores do que nunca, visto que o sucesso de seus planos havia falhado. Por isso aproveitaram esta oportunidade para informar Festo contra Paulo, apresentando informação formal e legal contra ele, dizendo que era um criminoso. O sumo sacerdote Ananias havia sido deposto, e Ismael, filho de Fabi, atuava como sumo sacerdote. Mas nesta ocasião todos os sumos sacerdotes, tanto os antigos como o atual, estiveram unidos, junto com os homens mais importantes da nação dos judeus, determinados a todo custo de eliminar Paulo. Fervorosamente imploraram a Festo,

<sup>5)</sup> Farrar, *Life of Paul*, 550.

requerendo-o como um favor especial, que ele deveria enviar Paulo para Jerusalém, tendo eles feito uma emboscada para matá-lo pelo caminho. Há aqui uma combinação de hipocrisia e ódio, que poucas vezes teve seu igual, até raramente avizinhada. Com seus intentos assassinos totalmente amadurecidos e com os assassinos ajustados, agiram como se unicamente se preocupassem com um novo julgamento, estando tanto Festo como os principais querelantes presentes em Jerusalém. Mas Festo, desejoso de conseguir e conservar o favor dos judeus, ainda assim julgou não ser conveniente que o prisioneiro seja trazido a Jerusalém. Naquele tempo Paulo esteve sob custódia em Cesaréia, e a própria permanência do governador em Jerusalém seria bem breve, visto que tinha a intenção de partir em breve. Desta forma aconteceu, pela providência de Deus, que Festo foi obrigado a retornar rapidamente para Cesaréia para que, conforme os Seus planos, a vida de Paulo fosse poupada. O governador acrescentou que aqueles dentre os judeus que, por causa de sua posição ou ofício, tinham autorização para atuar, ou seja, que eram competentes para representar os judeus neste assunto, viajassem com ele para a Cesaréia, e então poderiam apresentar suas acusações contra Paulo, se de fato houvesse nele algo de ilícito, se ele fosse o malfeitor como suas acusações o acusavam. Notemos: Em vez de falar em destino e sorte, os cristãos devem colocar neste lugar a dispensação e o governo de Deus, pois muitas coisas que nos parecem de somenos importância são da maior consequência, como mostra o resultado.

O começo do julgamento: *V. 6) E, não se demorando entre eles mais do que oito ou dez dias, desceu para Cesaréia; e no dia seguinte, assentando-se no tribunal, ordenou que Paulo fosse trazido. 7) Comparecendo este, rodearam-no os judeus que haviam descido de Jerusalém, trazendo muitas e graves acusações contra ele, as quais, entretanto, não podiam provar. 8) Paulo, porém, defendendo-se, proferiu as seguintes palavras: Nenhum pecado cometi contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César.* Depois da entrevista com os judeus, Festo permaneceu em Jerusalém não mais do que oito ou dez dias, tempo em que sempre esteve empenhado em inteirar-se com governo eclesial e com os vários costumes e tradições dos judeus, tal como eram aceitos pelo governo romano. Tendo, depois disto, descido para Cesaréia, guardou a promessa dada aos judeus fixando o interrogatório para o dia seguinte. A narrativa sugere que os judeus desceram com Festo, e assim também o indica sua rapidez. Tendo ele tomado a cadeira de juiz, ou quando se sentara no tribunal no salão do julgamento, ordenou que Paulo fosse trazido ante ele. Quando o prisioneiro entrara e tomara o lugar que lhe foi indicado, então os judeus que haviam descido de Jerusalém se aglomeraram tão próximo dele como lhes foi permitido e estiveram em pé ao seu redor, sendo que sua atitude teve a intenção de intimidá-lo. Visto que qualquer referência à própria lei deles e às disputas sobre seus próprios costumes teria sido inútil, eles moldaram suas acusações para que fossem conforme a ocasião, apresentando muitas e graves queixas. Segundo a resposta de Paulo, parece que eles tentaram tornar o fato de ele ser um cristão em pecado contra a lei deles, e sua suposta profanação do templo um pecado contra o Lugar Santo, e a alegada incitação para uma sedição um pecado contra César. Mas todas as suas asserções, com toda sua ostentação de convicção, não valeram como prova diante do tribunal romano, e os acusadores foram incapazes de apresentar qualquer prova. Quanto a Paulo, o aspecto ameaçador, as sinistras carrancas dos judeus, não tiveram qualquer efeito sobre ele, pois com a menção de cada acusação foi capaz de se defender sem a menor dificuldade. Ele sustentou que não cometeu qualquer crime contra a lei dos judeus, nem contra o Lugar Santo, e nem contra o imperador. Foi assim que a verdade foi vingada contra a falsidade e a perversidade. Foi assim que a confiança de Paulo em seu Senhor foi recompensada com a proteção do Senhor.

O apelo de Paulo: *V. 9) Então Festo, querendo assegurar o apoio dos judeus, respondeu a Paulo: Queres subir a Jerusalém e ser julgado por mim a respeito destas coisas? 10) Disse-lhe Paulo: Estou perante o tribunal de César, onde convém seja eu julgado; nenhum agravo pratiquei contra os judeus como tu muito bem sabes. 11) Caso, pois, tenha eu praticado algum mal, ou crime digno de morte, estou pronto para morrer; se, pelo contrário, não são verdadeiras as coisas de que me acusam, ninguém para lhes ser agradável pode entregar-me a eles. Apelo para César. 12) Então Festo, tendo falado com o conselho, respondeu: Para César apelaste, para César irás.* Evidentemente os judeus, com a persistência que os caracteriza, ainda não haviam desistido do seu projeto de conseguir que Paulo fosse levado para Jerusalém. De qualquer maneira, a idéia de que poderia alcançar popularidade com a sugestão levou Festo

a perguntar Paulo se queria ir para Jerusalém, e ser lá julgado em sua presença a respeito destas coisas. O verdadeiro favor que Festo quis mostrar aos judeus parece ter consistido nisso, que os membros do sinédrio conduzissem em sua presença o julgamento. Foi uma sugestão muito singular, ainda que contra os trâmites legais da lei romana, a qual parece que ocorreu como uma surpresa a Paulo. Porém sua resposta veio sem qualquer indecisão. Não queria ser julgado por qualquer corte judaico. De pé diante do tribunal de César, esteve no lugar onde a lei e a justiça exigiam que fosse ele julgado. O tribunal do procurador romano foi um tribunal menor, mas só a um passo do tribunal imperial, e o governador julgava como um representante de César. Paulo acrescenta que não prejudicava os judeus, que não lhes fizera qualquer mal, “como tu muito bem sabes”, diz ele. O próprio Festo descobria a cada minuto que passava, que as acusações dos judeus eram mera simulação e que careciam de qualquer base em fatos. Paulo, quanto a si, esteve disposto a enfrentar qualquer julgamento justo. Se era um malfeitor, um culpado de algum crime, se fizera qualquer coisa que conforme a lei romana merecia a morte, não se negaria, literalmente, não rogaria para ser liberto, a morte. Mas se não houvesse qualquer dos assuntos sobre os quais os judeus o acusavam, se eles fossem incapazes de comprovar suas acusações contra ele, então homem nenhum tinha o direito de entregá-lo a eles, de presenteá-los com o prisioneiro, de agir como eles queriam. E Paulo concluiu sua tocante defesa de sua inocência com as palavras: Apelo a César. Um cidadão romano, quando julgado e condenado por um crime, tinha o direito de apelar ao imperador, quando acreditava que a decisão do tribunal foi injusta. Mas em casos criminais (imorais) podia recorrer em qualquer tempo a este apelo, quando julgava que o juiz ultrapassava sua autoridade e agia fora das leis. Um apelo assim imediatamente suspendia os trâmites legais no caso, sendo seu efeito que condenava como violadores da paz pública a todos os magistrados e pessoas que haviam executado, torturado, açoitado, preso ou condenado a qualquer cidadão romano que apelara a César. No caso de Paulo, por isso, o inquérito parou imediatamente. Festo só teve uma breve consulta com seus assessores do tribunal que eram os conselheiros ou funcionários que foram consultados na administração da lei, sendo que neste caso a pergunta provavelmente foi se o apelo devia ser aceito, visto que Paulo ainda não fora inquirido formalmente. Mas a conclusão da discussão foi expressa por Festo: Para César apelaste, para César irás! Parece que nas palavras há um certo deboche, causado, sem dúvida, pelo fato que o apelo feito neste ponto indicou a desconfiança do prisioneiro sobre a imparcialidade do juiz. Mas este expediente, incidentalmente, também se pode ter mostrado um alívio para Festo. Pois os judeus já não mais podiam dizer que ele não fora disposto em lhes conceder seu favor, e estava livre de todo este caso desagradável. Foi assim que a incredulidade e o ódio dos judeus a Cristo e a injustiça da parte do governador romano cooperaram na possibilidade de Paulo pregar o evangelho também em Roma, a capital do mundo. Mesmo hoje a maldade e a inimizade do mundo serve muitas vezes para difundir o reino de Cristo sobre a terra.

Agripa E Berenice Em Cesaréia. At. 25. 13-27.

Festo apresenta o caso a Agripa: *V. 13) Passados alguns dias, o rei Agripa e Berenice chegaram a Cesaréia a fim de saudar a Festo. 14) Como se demorassem ali alguns dias, Festo expôs ao rei o caso de Paulo, dizendo: Félix deixou aqui preso certo homem, 15) a respeito de quem os principais sacerdotes e os anciãos dos judeus apresentaram queixas, estando eu em Jerusalém, pedindo que o condenasse. 16) A eles respondi que não é costume dos romanos condenar quem quer que seja, sem que o acusado tenha presentes os seus acusadores e possa defender-se da acusação. 17) De sorte que, chegando eles aqui juntos, sem nenhuma demora, no dia seguinte, assentando-me no tribunal, determinei fosse trazido o homem; 18) e, levantando-se os acusadores, nenhum delito referiram dos crimes que eu suspeitava. 19) Traziam contra ele algumas questões referentes à sua própria religião e particularmente a certo morto, chamado Jesus, a quem Paulo afirmava estar vivo. 20) Estando eu perplexo, quanto ao modo de investigar estas coisas, perguntei-lhe se queria ir a Jerusalém para ser ali julgado a respeito destas coisas. 21) Mas, havendo Paulo apelado para que ficasse em custódia para o julgamento de César, ordenei que o acusado continuasse detido, até que eu o enviasse a César.* Depois que passaram alguns dias, algum tempo depois do inquérito ou da audição preliminar que se destinou a ter conseqüências tão grandes, veio o rei Agripa e sua

irmã Berenice para Cesaréia para apresentar a Festo congratulações pela tomada de posse de seu ofício. Agripa II foi filho de Herodes Agripa I, cap. 12. Visto que ele, quando seu pai morreu, tinha só dezessete anos, não lhe foi dado o reino, mas, depois da morte de seu tio, foi feito governador de Cálcida, uma pequena cidade e região próxima do Anti-Líbano, como também tornado governador do templo, tendo o direito de indicar o sumo sacerdote. Mais tarde a tetrarquia de Filipe e Lysâneas foi acrescentada aos seus domínios, e ele teve o título de rei, ainda que não rei da Judéia. Berenice, sua irmã mais velha, noivara com Marcos de Alexandria, após casou com seu tio Herodes de Cálcida, poucos anos depois viuviou, viveu com seu irmão, novamente casou, desta vez com Polemom rei da Cilícia, ao qual, contudo, logo abandonou. A história de sua vida é a de uma mulher leviana que só teve um feito resgatador, que foi o de ter dissuadido o procurador Floro de massacrar os judeus. Os dois visitantes reais já por algum tempo estavam na cidade, quando Festo expôs ao rei o caso de Paulo, na certeza de que o conhecimento mais íntimo deste último dos problemas dos judeus lhe daria condições de formar uma idéia mais adequada da situação. Por isso explicou as coisas como ele as entendera. Um certo homem havia sido deixado em custódia por Félix, a respeito do qual os judeus lhe haviam dado informações quando estivera em Jerusalém, exigindo com insistência uma sentença de condenação contra o mesmo. Assim parece que os judeus tentaram outros esquemas além de tentarem transferir a audiência para Jerusalém. Festo dissera aos judeus que não costume dos romanos condenar a um homem e favorecer a outro, antes que o acusado tenha seus acusadores frente à frente e tenha uma chance para se defender sobre a acusação que lhe foi feita. Quando, depois, juntos vieram para a Cesaréia, ele não se demorou e nem adiou o caso por um só dia, mas imediatamente no dia seguinte se assentou no tribunal e mandou trazer o homem. Mas quando os acusadores se levantaram no tribunal, não trouxeram qualquer acusação de maldade contra ele, como Festa já suspeitara. A violência do sentimento que os principais sacerdotes e os membros do sínédrio haviam exibido em Jerusalém levava o governador a esperar uma acusação dum crime muito sério. Mas em vez disto, como o orador observa com desprezo, eles tiveram contra ele certos problemas sobre sua própria religião e sobre um certo Jesus que morrera, do qual Paulo insistia que estava vivo. Durante o desenrolar do julgamento muito mais deve ter sido dito por ambos os lados, que Lucas não registra, visto que tão só esteve interessado no oferecimento dum resumo da história. O ceticismo romano se revela em várias sentenças, como quando ele se refere à crença judaica literalmente como uma adoração de demônios, uma religião tola, cf. cap. 17. 22, e quando se refere à afirmação sincera de Paulo como sendo uma mera asserção. O desfecho do caso fora que Festo esteve em dúvida, não conseguira encontrar uma maneira de proceder, de fazer sua inquirição sobre estas questões e por isso pedira se Paulo desejasse ir para Jerusalém e lá ser julgado sobre elas. Mas, visto que Paulo apelara que seu caso fosse reservado à decisão de Augusto, o imperador romano, o governador ordenara conservá-lo sob custódia até que o pudesse enviar para César, ou seja, à suprema corte do império romano. O relatório de Festo é razoavelmente correto, ainda que tingido por sua própria compreensão do caso. Evidentemente, porém, esteve ainda perplexo e fiou-se em Agripa, em sua familiaridade com quem alcançara este nível, para auxiliá-lo por meio dum bom conselho.

Paulo apresentado a Agripa: *V. 22) Então Agripa disse a Festo: Eu também gostaria de ouvir este homem. Amanhã, respondeu ele, o ouvirás. 23) De fato, no dia seguinte, vindo Agripa e Berenice, com grande pompa, tendo eles entrado na audiência juntamente com oficiais superiores e homens eminentes da cidade, Paulo foi trazido por ordem de Festo. 24) Então disse Festo: Rei Agripa e todos vós que estais presentes conosco, vedes este homem, por causa de quem toda a multidão dos judeus recorreu a mim tanto em Jerusalém como aqui, clamando que não convinha que ele vivesse mais. 25) Porém eu achei que ele nada praticara passível de morte; entretanto, tendo ele apelado para o imperador, resolvi mandá-lo. 26) Contudo, a respeito dele, nada tenho de positivo que escreva ao soberano; por isso eu o trouxe à vossa presença, e mormente à tua, ó rei Agripa, para que, feita a argüição, tenha eu alguma coisa que escrever; 27) porque não me parece razoável remeter um preso, sem mencionar ao mesmo tempo as acusações que militam contra ele.* Agripa naturalmente este interessado em Paulo, o grande mestre da cristandade, do mesmo modo como, uns trinta anos antes, seu parente estivera desejoso para ver Jesus, Lc. 23. 8. Sua família sempre tivera a mesma posição para com Cristo e o evangelho. Seu avô teve o desejo de matar Jesus em Belém na matança dos

inocentes, seu tio assassinara a João Batista e zombara de Jesus, seu pai matara ao apóstolo Tiago e oprimiu a igreja. Agripa, provavelmente, não teria dado o menor passo para ver e ouvir a Paulo, mas chegar a conhecer a doutrina dos nazarenos nesta oportunidade tão inesperada, disso ele realmente se agradou. Por isso expressou o desejo que gostaria de ver o homem, estando subentendido que então poderia ser capaz de dar sua opinião. E recebeu de Festo a promessa que esta oportunidade lhe seria dada no dia seguinte. Na hora indicada, Agripa e Berenice chegaram em grande pompa, com uma demonstração impressionante, se diria oriental, de esplendor, estando, quase certo, trajados em seus atavios reais e acompanhados por uma completa comitiva de servos, tudo isto na mesma cidade em que seu pai, em ocasião semelhante, fora ferido por Deus e fora devorado por vermes. Os distintos visitantes foram recebidos e conduzidos, e assim entraram na sala indicada para esta audiência informal, que dificilmente foi a sala do tribunal, visto que um julgamento formal esteve fora de questão. O brilho da ocasião, que teve a natureza duma recepção, foi realçado pela presença de quiliarcas e dos homens mais distintos da cidade, provavelmente a platéia mais brilhante que Paulo, que por ordem de Festo agora foi trazido, jamais enfrentara. Ainda que Agripa soubesse o objetivo da assembléia, o governador fez um pronunciamento formal, dirigindo-se a ele e a todos os homens que estiveram presentes, apresentando-lhes o homem que causava toda esta inquietação entre os judeus. Viram diante de si este homem, sobre o qual a inteira multidão dos judeus realizara com ele uma conferência, lhe fizera queixa, tanto em Jerusalém como em Cesaréia. Aos gritos haviam dado a opinião que ele não mais devia viver. Mas Festo chegara à conclusão que Paulo nada fizera digno de morte, e o próprio prisioneiro também apelara para César, para o imperador romano, ao nome ao qual pelos romanos era dada honra divina. Por isso Festo decidira enviá-lo. Foi uma ocasião solene e impressionante, e o governador a aproveitou para sublinhar sua importância e para exagerar sua parte no drama. Mas a dificuldade que enfrentava, como ele a seguir expôs, e que o colocou em maus apuros, foi esta, que não tinha nada definido para escrever ao seu senhor, ao imperador, sobre Paulo. Por este motivo o trouxera perante esta ilustre assembléia e em especial perante o rei Agripa, para que, depois que algum exame tivesse sido feito, tivesse ele algo exato para escrever. Pois, mesmo que a denúncia duma traição fora com muita ênfase negada por Paulo, a questão ainda permanecia parcialmente obscura e parcialmente um absurdo. Tudo isto foi feito visto que ao governador parecer irracional e tolice que alguém fosse enviar um homem algemado como um preso e não indicasse, em carta acompanhante, que razões teve para este passo. Com certeza esta situação foi embaraçosa. Esteve por enviar Paulo a Roma, para que comparecesse ao tribunal do imperador, ainda que não teve uma única acusação contra ele; ao mesmo tempo, porém, deve ser enviado, visto que ele apelou para César. Por isso Agripa, provavelmente, podia ser capaz de auxiliá-lo, para que pudesse elaborar cartas para o caso que não parecessem uma bobagem aos olhos de Nero. Foi assim, que Paulo conseguiu a chance de testificar de Cristo diante desta assembléia imensa e ilustre. É assim que em muitos outros casos pecadores de todas as classes tem a oportunidade de ouvir o evangelho de Jesus Cristo, o qual é o único que pode salvar suas almas. Que cada um deles ao menos o ouvisse!

**Resumo:** Paulo, chamado a juízo perante Festo, acha necessário apelar a César, depois do que seu caso é exposto ao visitante Agripa.

## Capítulo 26

### A Audiência Perante Agripa. At. 26. 1-32.

A introdução da fala de Paulo: *V. 1) A seguir, Agripa, dirigindo-se a Paulo, disse: É permitido que uses da palavra em tua defesa. Então Paulo, estendendo a mão, passou a defender-se, nestes termos: 2) Tenho-me por feliz, ó rei Agripa, pelo privilégio de hoje, na tua presença, poder produzir a minha defesa de todas as acusações feitas contra mim pelos judeus; 3) mormente porque és versado em todos os costumes e questões que há entre os judeus; por isso eu te peço que me ouças com paciência.* Ainda que Festo fosse o procurador da província, ele ainda assim permitiu a Agripa, como seu hóspede e como rei, o privilégio de

diretor presidente. E as palavras iniciais de Agripa mostram que foi tão cuidadoso em observar as exigências de cortesia, pois, ao se dirigir a Paulo, ele não fala em seu próprio nome, mas na terceira pessoa: É-te permitido falar em teu favor. Com isto foi dada a palavra a Paulo e o privilégio de apresentar seu caso assim como ele o enxergava. E Paulo, ao abrir sua fala, empregou o gesto que expressa em tantas estátuas da Antigüidade. Tirando sua capa ou manto de seu ombro direito, para ser segurada pela mão esquerda, estendeu a mão direita num gesto que pedia atenção. Em sua defesa dirigiu-se, primeiro, diretamente ao rei Agripa. Considerou-se afortunado pelo fato que estava por fazer sua defesa perante este rei sobre todas as coisas das quais fora acusado pelos judeus. Não houve qualquer traço de constrangimento e de medo na apresentação de Paulo. “Tivesse ele estado consciente de culpa, teria temido ser julgado na presença de alguém que soube de todos os fatos; esta, porém, é uma marca duma consciência limpa, não recuar diante dum juiz que tem um conhecimento acurado das circunstâncias, mas até regozijar e chamar-se feliz.” (Crisóstomo) E Paulo regozijou tanto mais visto que soube que Agripa, tendo por muitos anos a seu cargo o governo do templo, estava bem versado a respeito dos costumes, as tradições, bem como das perguntas ou das discussões especulativas que em qualquer lugar prevaleciam entre os judeus. Agripa, como todos os idumeus desde o tempo de Herodes o Grande, haviam sido educados na fé judaica, e por este motivo lhe foi dada a supervisão dos negócios religiosos de Jerusalém, ainda que a cidade, quanto ao mais, estava sob o procurador romano. Paulo, por este motivo, pediu que rei escutasse paciente e com toda a generosidade. O modo de saudar de Paulo não foi o duma submissão lisonjeira, mas foi a expressão de prazer genuíno, em parte por causa da esperança de conseguir Agripa para a causa de Cristo. A fala dos cristãos em todos os tempos deve ser planejada, se não para diretamente conseguir conversos para Cristo, então ao menos não para prejudicar de alguma maneira sua causa.

O viver e a crença antiga de Paulo: *V. 4) Quanto à minha vida, desde a mocidade, como decorreu desde o princípio entre o meu povo e em Jerusalém, todos os judeus a conhecem; 5) pois na verdade eu era conhecido deles desde o princípio, se assim o quiserem testemunhar, porque vivi fariseu conforme a seita mais severa da nossa religião. 6) E agora estou sendo julgado por causa da esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais, 7) a qual as nossas doze tribos, servindo a deus fervorosamente de noite e de dia, almejam alcançar; é no tocante a esta esperança, ó rei, que eu sou acusado pelos judeus. 8) Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?* Paulo viera a Jerusalém precocemente na vida, no período inicial de sua juventude. Seu modo de viver, seus hábitos de vida, como em tudo se comportava, tudo isso os judeus conheciam e lhes era familiar, porque que o conheciam anteriormente e desde sua chegada, visto que isto ocorrera desde o começo de sua educação formal, desde o começo de sua juventude, em meio de sua nação e na própria Jerusalém. Se tivessem o desejo de testificar, poderiam dizer a verdade, que ele, como fariseu, viveu os princípios e seguiu o culto de acordo com a seita mais severa, conforme o grupo de homens mais legalistas do meio deles (aqui Paulo inclui a si e a Agripa com os judeus). O destaque que o apóstolo faz aqui é que ele dificilmente violaria o sentimento judeu, pois seus costumes lhe eram inatos e inerentes, e conforme a interpretação mais rigorosa deles. Agora estava ele ali, com sua vida inteira qual livro aberto perante as pessoas e com sua formação judaica minuciosa como um argumento pela sua ortodoxia, sendo condenado pela sua esperança na promessa feita por Deus aos pais. Esta foi a razão de seu julgamento no tribunal romano, este foi o motivo de sua condenação pelos judeus. Mas as doze tribos de Israel, ainda assim, esperaram alcançar, de obter, esta mesma promessa ansiosamente tanto de noite como de dia; esperança pela qual ele agora estava sendo acusado pelos judeus, como ele enfaticamente o declara ao rei. Para Paulo foi este o aspecto mais estranho de todo este caso, que os judeus podiam ser tão cegos de, no intento de prejudicá-lo, chegarem a negar seu próprio ensino e sua própria crença. Isto o leva a exclamar: Por que considerais incrível que Deus pode ressuscitar os mortos? Se Deus ressuscita os mortos, por que eles se opõem a isso com todas as forças da incredulidade? Esta intrigante pergunta bem pode ser repetida em nossos dias sobre esta grandiosa verdade da religião revelada, o fato sobre que se baseia a religião cristã. A oposição dos descrentes redundava em sua perda da mais gloriosa certeza que pode ser dada à pessoa humana, mas nós não conseguimos enxergar a razão de uma obstinação como esta.

A antiga posição de Paulo para com Jesus: *V. 9) Na verdade, a mim me parecia que muitas coisas devia eu praticar contra o nome de Jesus, o Nazareno; 10) e assim procedi em Jerusalém. Havendo eu recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e, contra estes dava o meu voto, quando os matavam. 11) Muitas vezes os castiguei por todas as sinagogas, obrigando-os até a blasfemar. E, demasiadamente enfurecido contra eles, mesmo por cidades estranhas os perseguia.* Aqui Paulo faz uma confissão franca de sua inimizade contra Cristo e seus crentes, com o objetivo de destacar tanto mais especificamente a graça que recebeu em sua conversão. Naqueles dias ele pessoalmente estivera da opinião, se apegara firmemente à convicção; foi uma obrigação que foi o resultado de seu voluntário auto-engano de que devia ser contra, devia estar na oposição, do nome de Jesus de Nazaré. O nome de Jesus lhe era tão odioso que se dedicou completamente à perseguição daqueles que confessavam convicção no cristianismo. Naqueles dias seu zelo contra Cristo e a igreja em nada ficava atrás da de toda família de Herodes: Considerava sua missão mais importante na vida impedir a confissão do nome de Jesus, e impor esta idéia por meio de perseguição e matança. Fez isto em Jerusalém, servindo de meio para encerrar muitos dos santos na prisão, possuindo para tanto a autorização dos principais sacerdotes. Notamos que aqui Paulo deliberadamente chama santos às pessoas que anteriormente perseguira com ódio tão insaciável. E quando os cristãos eram mortos, ele dava seu voto em favor da execução, fosse isso como membro do sinédrio, como alguns pensam, ou falou em favor da medida, lançando na balança toda sua persuasiva habilidade contra o nome odiado. Nem ainda assim sua sede de sangue se satisfiz com a execução que conseguira causar, mas muitas vezes punia-os em todas as sinagogas, tendo o cuidado de não se esquecer de um só, e os forçava a blasfemar, não só a negar e renunciar a Cristo mas a execrá-lo, com o objetivo de salvar as vidas deles; sempre de novo fizera o esforço e tivera sucesso em ao menos alguns casos. Finalmente seu ódio o empurrou à loucura extrema, à insanidade, no que dizia respeito aos cristãos, o só pensar na extensão da fé impeliu-o com fúria indômita, e ele continuou suas perseguições a eles também em outras cidades fora de Jerusalém. Por isso tive boas razões para se descrever como sendo um blasfemo, um perseguidor e insolente, 1. Tm. 1. 13. Seu exemplo é o de um homem a quem a inimizade a Cristo não deixa em paz, nem de dia e nem de noite, que se sente compelido a prejudicar o curso do evangelho com todos os meios de que dispõe. Os cristãos precisam estar preparados a encontrar tais pessoas quando realizam sua missão, e o fato não lhes deve causar muita preocupação.

O relato de Paulo de sua milagrosa conversão: *V. 12) Com estes intuitos parti para Damasco, levando autorização dos principais sacerdotes e por eles comissionado. 13) Ao meio-dia, ó rei, indo eu caminho fora, vi uma luz do céu, mais resplandecente que o sol, que brilhou ao redor de mim e dos que iam comigo. 14) E, caindo todos nós por terra, ouvi uma voz que me falava em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa é recalcitrates contra os aguilhões. 15) Então eu perguntei: Quem és tu, Senhor? Ao que o Senhor respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. 16) Mas levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que me viste como naquelas pelas quais te aparecerei ainda; 17) livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio, 18) para lhes abrir os olhos e convertê-los das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim.* Aqui Paulo relata a história de sua conversão essencialmente como foi contada por Lucas, cap. 9, e por ele mesmo em sua fala diante dos judeus, cap. 22. Foi nesta viagem, foi nesta tarefa de inimizade contra Jesus, que ele viajava para Damasco, estando equipado com a autorização e o poder dos próprios principais sacerdotes. Ele estava agindo como o delegado deles, como o representante autorizado por eles, sendo-lhe concedida praticamente liberdade completa para mostrar seu ódio do modo como ele bem o queria. Ao meio-dia, na plena luz do dia, vira uma luz vinda do céu, mas brilhante e mais deslumbrante do que o sol que brilhava ao seu redor e ao redor daqueles que viajavam com ele, que envolveu a todos em seu ofuscante brilho. E quando caíram por terra, primeiro Paulo mas também seus companheiros depois de alguns momentos de espanto calado e teso, ele ouviu uma voz que lhe falava em hebraico, isto é, no dialeto aramaico, que lhe dizia que lhe seria duro golpear contra os aguilhões. No oriente o aguilhão para o boi consistia, como ainda hoje, numa haste longa, em cuja ponta era fixada uma aguda ponta de ferro. Paulo foi semelhante a um boi

xucro, dando coices quando estocado com o aguilhão, com o que aumentou suas próprias dores enquanto perseguia a igreja, pois quanto pior se tornava sua tola inimizade, tanto menos satisfação alcançava da gratificação de seu anseio pelo sangue dos cristãos. Foi-lhe um esforço tolo e inútil tentar perseguir Jesus e seus seguidores, “um esforço que só infligia nele feridas ainda mais profundas, um esforço tão vão como aquele descrito pelo salmista, Sl. 2. 3, 4.” Sobre a ansiosa e temerosa pergunta sobre a exata identidade do Senhor que lhe estava falando, recebera a resposta de que era Jesus a quem ele estava perseguindo. Na ocasião o Senhor lhe dera a ordem de levantar-se e ficar em pé, visto que lhe aparecer com o objetivo de selecionar e assim empregá-lo como um homem que a mão de Deus havia arrancado dos perigos que ameaçavam sua alma para ser seu servo e testemunha das coisas que vira, bem como das coisas que o Senhor ainda queria mostrar-lhe. O Senhor expôs-lhe mais estas coisas, dizendo-lhe que o elevava, o resgatava, do meio de seu próprio povo bem como dos gentios. O Senhor agora enviava seu apóstolo para estes últimos, para lhes abrir os olhos, que eram cegos em assuntos espirituais, de apartá-los das trevas de sua cegueira espiritual e de sua incredulidade para a luz do evangelho, e do poder de Satanás, em cujo domínio eram detidos por natureza, para Deus, para seu Salvador, para receber perdão de pecados e herança com aqueles que são santificados pela fé no Redentor. As Escrituras, desta forma, chamam nesta passagem ao homem natural nada mais do que trevas, no que diz respeito a assuntos espirituais e divinos.<sup>6)</sup> A maneira de salvação, o método pelo qual Deus conduz os pecadores para sua misericórdia, aqui é ensinada de modo franco e explícito. Os olhos dos pecadores são abertos por meio da pregação do evangelho para que conheçam a Cristo, seu Salvador. Os pecadores são convertidos através para que se apartem das trevas, se apartem de servir ao pecado, do poder de Satanás, para Deus e para a luz da salvação em Cristo, de modo que não resta nada da impiedade e da superstição, e tão somente o conhecimento, a adoração e o servir ao bendito Redentor ocupe sua atenção. Notamos que a fé que operou a confiança na salvação de Jesus incidentalmente consagra o que crê, separa-o e o santifica para o serviço do Senhor.

Como Paulo realizou a obra de sua vocação: *V. 19) Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial, 20) mas anunciei primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, por toda a região da Judéia, e aos gentios, que se arrependessem e se convertessem a Deus, praticando obras dignas de arrependimento. 21) Por causa disso alguns judeus me prenderam, estando eu no templo, e tentaram matar-me. 22) Mas, alcançando socorro de Deus, permaneço até ao dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequeno como a grande, nada dizendo senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer, 23) isto é, que o Cristo devia padecer, e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios.* A visão milagrosa, bem como as palavras de Cristo quando lhe concedeu o chamado de apóstolos, convenceram a Paulo. Firme na força de tudo isto ele não fora desobediente à visão celeste, pois o poder misericordioso do Senhor operara a mudança em seu coração, tornando disposto e desejos de se tornar o embaixador do Altíssimo, do Cristo exaltado. Seu começo foi em Damasco, pregando a Cristo e que este é o Filho de Deus, cap. 9. 20. Em Jerusalém ele falara ousadamente no nome do Senhor Jesus, cap. 9. 29, e por toda a costa da Judéia. Finalmente, fizera ele ao menos três viagens missionárias ao mundo gentio. Sua mensagem fora a mesma em qualquer lugar. Fora a mensagem do Batista, foram também a mensagem de Jesus, a saber, que as pessoas se arrependessem e voltassem a Deus. Primeiro vem o reconhecimento do pecado e de sua condenação. Então o pecador desespera de si mesmo e de toda sua justiça pessoal e, ouvindo a notícia gloriosa do evangelho, se volta para Deus em busca de socorro e salvação. A seguir vêm as obras que são dignas do arrependimento, ou que são conforme ao padrão do verdadeiro arrependimento, não tendo em si mesmas nada de hipocrisia ou falsidade, mas trazendo em si mesmas o sincero esforço do cristão de viver de modo digno do evangelho de Jesus Cristo. Foi por isso, por causa do fato que Paulo proclamou o evangelho em toda sua gloriosa pureza, que os judeus o prenderam no templo e com muita violência tentaram matá-lo. Todos os demais pontos que haviam alegado foram em parte pura ficção e em parte perversão da verdade, com o objetivo de prejudicar o curso do evangelho. A mesma coisa acontece em nossos dias sempre quando os inimigos de Cristo inventam justificativas para suprimir a pregação da verdade. Paulo, porém, fora feliz porque recebeu a ajuda de Deus, e assim ficou

---

<sup>6)</sup> 91) *Form. Conc.* Mueller, 590.

inabalável até esse dia, dando testemunho tanto a humildes como a ilustres, não fazendo distinção de pessoas, dizendo unicamente o que os profetas e também Moisés já haviam dito como o que se devia cumprir. A mensagem do Novo Testamento essencialmente não é diferente da do Antigo Testamento. Os fiéis do tempo antes de Cristo tiveram as profecias da salvação que viria no Messias. Desde os tempos dele os fiéis olham para trás para a salvação tal como ela foi efetuada pelo nascimento, vida, morte e ressurreição de Cristo, e confiam nela. O que Moisés e os profetas pregaram, a grande doutrina central do cristianismo que é a salvação pela fé em Jesus, isto é o conteúdo da pregação cristã até ao fim dos tempos, a saber, que Cristo teve que sofrer segundo a vontade e o conselho de Deus, que ele, como o primeiro a ressuscitar dos mortos, foi destinado como uma luz que proclama as bênçãos, que leva a mensagem da luz a todas as pessoas, até aos gentios, tanto a judeus como a gentios. Como sempre aconteceu, Paulo insistiu no ponto de que a identidade do Messias com Jesus de Nazaré foi comprovada não só pelo seu sofrimento, como foi profetizado, mas também por sua ressurreição, e pelo poder que a mensagem desta salvação exercia quando trouxe a bênção da luz espiritual e eterna aos corações das pessoas.

O maior desejo de Paulo: *V. 24) Dizendo ele estas coisas em sua defesa, Festo o interrompeu em alta voz: Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar. 25) Paulo, porém, respondeu: Não estou louco, ó excelentíssimo Festo; pelo contrário, digo palavras de verdade e de bom senso. 26) Porque tudo isto é do conhecimento do rei, a quem me dirijo com franqueza, pois estou persuadido de que nenhuma destas coisas lhe é oculta; porquanto nada se passou aí, nalgum recanto. 27) Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem sei que acreditas. 28) Então Agripa se dirigiu a Paulo, e disse: Por pouco me persuades a me fazer cristão. 29) Paulo respondeu: Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que me ouvem se tornassem tais qual, eu sou, exceto estas cadeias.* Paulo falara na maior simplicidade e honestidade, sem qualquer busca de efeitos oratórios, tendo somente uma de suas sentenças a força dum período retórico. Mas sua seriedade e a convicção com que apresentou seu caso, não podia permanecer sem influência sobre seus ouvintes. E Festo, quase que involuntariamente, arrebatou os argumentos, e interrompeu Paulo com a exclamação: Estás fora de ti. O impressionante anúncio que Paulo fizera sobre a ressurreição de Jesus e sobre o poder de sua palavra levaram o governador gentio a presumir que ele precisava ser insano, que não podia estar consciente do que estava dizendo. Festo acreditou que muito saber, que grande estudo, haviam desviado o preso para uma temporária insanidade. Ele, talvez, somente se referiu ao grande estudo que Paulo acabara de mostrar, ou talvez concluiu isto tendo em vista o grande número de livros que Paulo tinha consigo. Acreditou que tudo isto levou o preso à loucura. Paulo, porém, dirigindo-se a ele como ao honrável Festo, e vossa excelência, contou-lhe calmamente que não estava louco, mas que estava proferindo palavras de verdade e de sobriedade. A fé dos cristãos e sua serena disposição são consideradas loucura no juízo dos cegos filhos deste mundo até aos nossos dias e também como uma evidência de que, provavelmente, não podem estar no juízo certo. Mas os que assim falam não têm a menor idéia sobre o que é o cristianismo, nem de sua serena e convincente verdade. O apóstolo Paulo apelou ao rei Agripa para a confirmação deste fato, afirmando que este último tinha a correta compreensão destas coisas, a quem Paulo, por isso, falara com tal disposta franqueza. Agripa soube que as palavras de Paulo eram sóbrias e suas afirmações sadias, e que se baseavam sobre fatos. O rei não foi cristão, mas, certamente, testemunharia pela verdade da história, e o apóstolo esteve plenamente persuadido que nenhum destes assuntos lhe era encoberto, visto que todo este movimento, que a instituição da religião cristã, não ocorrera nalgum canto e escondido aos olhos do mundo, mas que foi um movimento do qual cada um em todo o país já devia ter conhecimento e ter ouvido. Paulo argumentou aqui como o fizera Jesus perante o rei, Jo. 18. 21, referindo-se ao fato que a mensagem do evangelho fora proclamada sem a menor tentativa de sigilo. A coragem de Paulo, que ele exibira em toda sua fala, agora também o leva a se dirigir com franqueza ao rei Agripa com a pergunta direta: Acreditas tu, rei Agripa, nos profetas? Sei que acreditas. Esta pergunta, além disso, se destinou reforçar as palavras de Paulo. Pois, mesmo que Festo não conseguiu considerar suas palavras como afirmações da verdade e da sobriedade, Agripa não pôde ficar-lhes indiferente, visto que se basearam sobre os profetas, e Agripa, sendo judeu, aceitava, ao menos nominalmente, os livros do Antigo Testamento e neles baseou sua crença. Foi um apelo eficaz, o qual devia ter seu efeito sobre o

coração e a mente do rei. Agripa, porém, não se deixou se rendeu, mas revidou: Achas que com mais alguma persuasão tu sucederias em tornar-me cristão? Quis apontar, fosse em ironia ou em fria indiferença, que não era algo tão fácil torná-lo cristão. Queria um argumento mais forte do que um mero apelo à sua fé para induzi-lo a se tornar cristão. Contudo, o tom sarcástico da resposta não intimidou a Paulo. Na mesma ousadia feliz de antes expressa seu desejo sincero, que esperou em Deus, fosse por pouco ou por muito, não somente Agripa, mas todos aqueles que o ouviram naquele dia, se tornassem cristãos, tal como ele o era, contudo, sem ser obrigado a carregar os sinais desgraçados da prisão que foram as algemas que o prendiam. Deste modo, não foi fácil provocar ao apóstolo que pregou o amor em termos tão tocantes, 1. Co. 13, e que não fez caso do mal. Da mesma maneira todos os servos do Senhor precisam se precaver para que nem desanimem e também não se deixem provocar pelos escárnios velados e públicos dos infiéis, mas que continuem no testemunho de Cristo e emitam convites a todas as pessoas para que aceitem a mensagem do evangelho e se tornem cristãos.

O fim da audiência: *V. 30) A essa altura, levantou-se o rei, e também o governador e Berenice, bem como os que estavam assentados com eles; 31) e, havendo-se retirado, falavam uns com os outros, dizendo: Este homem nada tem feito passível de morte ou de prisão. 32) Então Agripa se dirigiu a Festo, e disse: Este homem bem podia ser solto, se não tivesse apelado para César.* Tendo Paulo feito seu último apelo, levantou-se o rei, que foi o sinal que desejou que a audiência fosse encerrada, também o governador, Berenice e os demais do convidado grupo assentado ao seu lado. Tendo deixado a sala, se recolheram a um outro quarto para repartir suas idéias. E todos concordaram no dito de que este homem, que era Paulo, não estava cometendo nada que merecia a morte ou mesmo a prisão. Fora ao menos isto que a fala honesta e destemida de Paulo lhes mostrou. E, apesar que Agripa não se quis deixar persuadir pelo cristianismo, ele, ao menos, se sentiu obrigado em afirmar a Festo que este homem, com toda certeza, podia ser solto se não tivesse apelado para César. Este apelo, contudo, fora feito como também aceito, e Paulo precisou ser enviado para Roma. Esta opinião, é muito provável, tal como Agripa a expressou, influenciou a carta que Festo dirigiu à corte imperial sobre este assunto e assim pode ter sido tomado em conta no trato que Paulo recebeu em sua chegada na capital. Notemos: Em todos estes fatos, tal como aqui apresentadas, está claramente evidente a mão orientadora do Cristo exaltado, que é o cabeça de sua igreja: Ele quis que Paulo chegasse a Roma, mas também o protegeu contra qualquer perigo.

**Resumo:** Paulo profere sua fala de defesa na audiência diante do rei Agripa, a qual move ao último a declarar que ele é inocente de qualquer crime, e tão somente seu apelo causou seu envio a Roma.

## Capítulo 27

### *A Viagem De Cesaréia Para Mileto.* At. 27. 1-44.

De Cesaréia até Bons Portos: *V. 1) Quando foi decidido que navegássemos para a Itália, entregaram Paulo e alguns outros presos a um centurião chamado Júlio, da Coorte Imperial. 2) Embarcando num navio adramitino, que estava de partida para costear a Ásia, fizemo-nos ao mar, indo conosco Aristarco, macedônio de Tessalônica. 3) No dia seguinte chegamos a Sidom, e Júlio tratando Paulo com humanidade, permitiu-lhe ir ver os amigos e obter assistência. 4) Partindo dali, navegamos a sota-vento de Chipre, por serem contrários os ventos; 5) e, tendo atravessado o mar ao longo da Cilícia e Panfília, chegamos a Mirra, na Lícia. 6) Achando ali o centurião um navio de Alexandria, que estava de partida para a Itália, nele nos fez embarcar. 7) Navegando vagarosamente muitos dias e tendo chegado com dificuldade defronte de Cnido, não nos sendo permitida prosseguir, por causa do vento contrário, navegamos a sota-vento de Creta, na altura de Salmona. 8) Costeando-a, penosamente, chegamos a um lugar chamado Bons Portos, perto do qual estava a cidade de Laséia.* A audiência perante Agripa, que deu a este, bem como a Festo, a convicção que Paulo era inocente de qualquer ofensa contra o império, teve ao menos um bom efeito: Encerrou com a incerteza do aprisionamento em Cesaréia. Foi resolvido que a viagem para a Itália, que podia

ser realizada por diversas rotas, fosse totalmente feita por mar. Como o texto o indica, aqui Lucas se juntou novamente à companhia de Paulo. Ele, provavelmente, passou os dois anos anteriores na coleta do material que, sob a direção do Espírito Santo, mais tarde foi usado em seu evangelho. Paulo e mais alguns outros presos foram confiados ao cuidado de certo centurião de nome Júlio, que foi um oficial da guarda imperial, ou da coorte, que foi um corpo de soldados que levava o nome do imperador e que, muito provavelmente, era empregado para tarefas confidenciais entre Roma e as províncias. Porque estiveram com alguma pressa, não esperaram pela chegada um navio maior, mas embarcaram num navio de Adramitino, ou seja, do porto de Adramitino, um ancoradouro na costa da Mísia, e não longe de Trôade. Este foi um veleiro costeiro, usado para o comércio local, e limitado aos portos marítimos da Ásia Menor. A intenção de Júlio foi a espreita um navio maior que fosse diretamente para a Itália, o que foi uma expectativa que dificilmente falharia. Paulo não teve só Lucas como companheiro, mas também Aristarco de Tessalônica, que foi um dos homens que com ele subiram para Jerusalém, cap. 20. 4. O fato que este homem mais tarde é chamado um co-prisioneiro de Paulo, Cl. 4. 10, não significa que já fez com Paulo esta viagem nestas condições. As probabilidades existem que Lucas teria mencionado o fato de sua prisão, se na ocasião isto tivesse sido o caso. No dia seguinte o barco havia feito pela costa um trecho de uns 120 Km. até Sidom, a antiga capital da Fenícia, superada por Tiro como metrópole comercial. Foi aqui que Júlio deu a primeira evidência do respeito e sentimento amistoso que em toda viagem teve para com Paulo: tratou-o com bondade, visto que para tanto provavelmente recebera orientações de Festo, e porque pessoalmente ficara impressionado com o caráter e a conduta pessoal de Paulo. O apóstolo recebeu a permissão de ir, provavelmente com o soldado a quem esteve acorrentado, ver seus amigos na cidade, que eram os irmãos na congregação local, e receber seu cuidado. Talvez não precisou de cuidados médicos, mas, pelo bem que fizeram, as palavras ternas dos cristãos companheiros, sem dúvida, foram na ocasião para Paulo mais do que uma distração. Tendo sido concluídos os negócios do dono do navio neste porto, eles de lá se fizeram ao mar e velejaram abaixo de Chipre, ou seja, a sotavento desta ilha enorme que fica no leste do Mediterrâneo. Isto obrigou o navio a velejar ao redor da longa península que se projeta em direção da Síria, em vez de cortar direito o Mediterrâneo pelo sul da ilha. Mas os ventos eram adversos. Tendo contornado o extremo nordeste de Chipre, o navio se arrastou vagorosamente pela costa da Cilícia e da Panfília, “usando, quando possível, as brisas locais que vinha da terra, e a constante corrente do mar que pela costa sul se dirigia ao sul.” Foi assim que chegaram ao ancoradouro de Mirra, na costa sul de Lícia, que era um dos grandes portos do comércio de cereais entre o Egito e Roma. Foi, por isso, aqui que o centurião achou um navio de Alexandria do Egito, pelo que parece um navio de cereais contratado para ir para a Itália, e transferiu seus presos e os amigos destes para este barco comercial maior, isto é, fê-los embarcar, tendo a crença vã de que o restante da viagem facilmente poderia ser executado. Mas por bom número de dias fizeram pouco progresso, alcançando, só como muita dificuldade, um ponto fora de Cnido, uma cidade na costa de Caria, sendo-lhes impossível entrar. Porque o vento ainda entravava seu progresso pelo Mar Egeu, giraram para o sul, na busca dum curso a sotavento da ilha de Creta, que alcançaram no Cabo Salmona, que fica no extremo leste. Mas também aqui, só com muita dificuldade, velejaram pelo lado sul da ilha, até que alcançaram certo lugar chamado Bons Portos, que fica mais ou menos no centro da costa sul, ficando-lhe próxima a cidade de Laséia. Tendo a partida de Cesaréia sido feita no fim do verão ou no começo do outono do ano 59 ou 60, agora se aproximava o inverno, e a navegação se tornava perigosa.

A partida de Bons Portos: *V. 9) Depois de muito tempo, tendo-se tornado a navegação perigosa, e já passado o tempo do Jejum, admoestava-os Paulo, 10) dizendo-Lhes: Senhores, vejo que a viagem vai ser trabalhosa, com dano e muito prejuízo, não só da carga e do navio, mas também das nossas vidas. 11) Mas o centurião dava mais crédito ao piloto e o mestre do navio do que ao que Paulo dizia. 12) Não sendo o porto próprio para invernar, a maioria deles era de opinião que partissem dali, para ver se podiam chegar a Fenice, e aí passar o inverno, visto ser um porto de Creta, o qual olhava para o nordeste e para o sudeste. 13) Soprando brandamente o vento sul e pensando eles ter alcançado o que desejavam, levantaram âncora, e foram costeando mais de perto a ilha de Creta.* Devido aos ventos adversos e ao pouquíssimo progresso, a época já avançara muito, e a navegação se tornara perigosa. Até o grande dia de jejum do calendário judaico já passara, que é o do dia da propiciação, que era celebrado no dia

dez de Tisri (que corresponde aproximadamente ao nosso outubro). Naqueles dias cessava a navegação por causa da vinda da estação das tormentas, não sendo retomada senão na primavera. Por isso Paulo, talvez por sua própria iniciativa ou a pedido do centurião, emitiu uma admoestação de advertência, a saber, que, até onde ele podia ver, o progresso da viagem só seria feito com grandes danos e perdas, não só à carga e ao navio, mas também para as suas próprias vidas. Com toda certeza ocorreriam prejuízos a eles e ao navio, causados pelos elementos da natureza, em especial pela violência da tempestade; e o caso justificou totalmente o conselho de Paulo. O centurião, contudo, foi persuadido pelo mestre e pelo dono do navio e não pelo que Paulo disse. Conforme alguns comentaristas, os dois homens foram o piloto e o capitão do navio, e o interesse deles quando se opuseram ao conselho de Paulo se fundamentou em motivos mercenários, sendo que os alimentos estavam sendo ansiosamente esperados em Roma e também sendo um item de peso o provimento pela manutenção da grande tripulação numa estada tão longa em Bons Portos. Havia ainda um outro fator, a saber, que o porto não se prestava muito para invernar, não tanto por motivos náuticos, mas porque próximo não havia qualquer cidade maior, e que os marujos careceriam duma ocupação apropriada. Por isso a maioria, finalmente, propôs içar vela com a intenção, caso possível fosse, de invernar em Fenice, que era um porto de Creta que olhava para o sudoeste e para o noroeste (cf. português: nordeste e sudeste). O tempo pareceu apoiar a opinião deles, pois, em vez do vento desagradável e contrário do oeste começou a soprar uma brisa moderada do sul, que pareceu estar plenamente a favor da intenção deles de andar uns 100 Km pela costa. Por isso, acreditando que podiam alcançar sua intenção, ergueram âncora e velejaram rumo a oeste por Creta, mais próximos da costa, como que abraçando a costa. Quando muito, foi um empreendimento perigoso, mas estiveram dispostos a enfrentá-lo, assim como muitas pessoas dos nossos dias arriscam tudo mil vezes na esperança de lucrar alguns reais.

O tufão: *V. 14) Entretanto, não muito depois, desencadeou-se do lado da ilha um tufão de vento, chamado Euro-aquilão; 15) e, sendo o navio arrastado com violência, sem poder resistir ao vento, cessamos a manobra e nos fomos deixando levar. 16) Passando a sota-vento de uma ilhota chamada Clauda, a custo conseguimos recolher o bote, 17) levantando o qual usaram de todos os meios para cingir o navio, e temendo que dessem na Sirte, arriaram os aparelhos e foram ao léu. 18) Açoitados severamente pela tormenta, no dia seguinte já aliviavam o navio. 19) E, ao terceiro dia, nós mesmos, com as próprias mãos, lançamos ao mar a armação do navio. 20) E, não aparecendo, havia já alguns dias, nem sol nem estrelas, caindo sobre nós grande tempestade, dissipou-se afinal toda a esperança de salvação.* A brisa gentil parece ter sido somente uma estiada enquanto a tormenta se formava, pois não muito depois que haviam partido de Bons Portos, e provavelmente antes de terem dado a volta pelo cabo, onde seu curso se voltaria para noroeste, um vento tempestuoso, um tufão, desabou de Creta e de suas montanhas. Seu nome é Euro-aquilão, ou Leste-nordeste, sendo hoje conhecido como um “Levante”. Sua força foi tamanha que, depois que o navio foi pego por ele, foi impossível enfrentar o vento. Por isso os marujos deram lugar ao vento, entregaram o navio à misericórdia do tufão e foram impelidos para diante. Foram batidos constantemente para sudoeste até que passaram a sota-vento duma pequena ilha chamada Clauda. Aqui a força da tormenta não foi tão grande como no largo, e por isso os marujos puderam tomar três precauções. Com alguma dificuldade içaram o bote, ou o esquife, que via de regra boiava mansamente, mas que agora esteve no perigo de ser feito em pedaços contra os lados do navio. Este eles alçaram para o convés. A seguir cingiram ou amarraram fortemente o navio passando cabos ao redor do casco, sem dúvida no sentido do comprimento, para proteger todo o madeirado do navio e para quebrar a força das ondas. Este apertar foi feito por meio do cabrestante, conseguindo assim alguma segurança contra o partir das pranchas. E finalmente, visto que os marujos estiveram com medo que poderiam ser levados na temível Sirte, que eram os grandes bancos de areia movediça próxima da costa da África, arriaram os aparelhos, as cordas das velas, ou as dispuseram assim que oferecesse a menor resistência possível ao vento, e então foram levados. Parece que suas precauções, ao menos, tiveram tanto efeito que o curso do navio foi mudado de sudoeste para oeste. No dia seguinte a tempestade rugiu com vigor inquebrantável, e porque eram arremessados ao léu e sofriam imensa infelicidade por causa da tormenta, alijaram ou lançaram ao mar a carga, ou tudo o que estava solto. No terceiro dia lançaram ao mar a aparelhagem e os apetrechos do navio, inclusive todos os mastros e as

cordas. O sofrimento e a infelicidade de todos os homens a bordo aumentou muito com o fato que dependiam das estrelas para pilotar o curso do navio, e visto que por muitos dias não apareceram nem sol e nem estrelas e visto que a tempestade rugia com força indomável, finalmente abandonaram toda e qualquer esperança de serem salvos. Este foi o resultado por terem provocado o perigo sem o precisarem, mas por pura arrogância.

Paulo conforta tripulação e passageiros: *V. 21) Havendo todos estado muito tempo sem comer, Paulo, pondo-se em pé no meio deles, disse: Senhores, na verdade era preciso terem-me atendido e não partir de Creta, para evitar este dano e perda. 22) Mas, já agora vos aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio. 23) Porque esta mesma noite o anjo de deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, 24) dizendo: Paulo, não temas; é preciso que compareças perante César, e eis que Deus por sua graça te deu todos quantos navegam contigo. 25) Portanto, senhores, tende bom ânimo; pois eu confio em Deus, que sucederá do modo por que me foi dito. 26) Porém é necessário que vamos dar a uma ilha.* O barco foi jogado pelas ondas do Mediterrâneo por quatorze dias e quatorze noites como se fosse uma casca de noz, tempo em que a tripulação e os passageiros estiveram preocupados demais para pensar em beber e comer; abstiveram-se completamente. Mas, quando Paulo, num daqueles dias, foi ao meio deles e parou diante de todos, então estiveram mais dispostos para escutarem com mais respeito ao que tivera uma avaliação mais sadia do que a grande maioria, se não todos eles. Paulo lhes disse, sem o menor sinal de irritação em sua atitude mas com a franqueza que sempre o caracterizou, que se deviam ter deixado persuadir e não ter navegado de Creta. Se não se tivessem posto ao mar, como ele aconselhara, não teriam sofrido esta perda, mas se teriam poupado tanto do sofrimento e do dano ou da perda da posse. Mas agora os admoestou com seriedade a terem bom ânimo, visto que no caso deles não haveria a perda de uma só vida, senão tão somente do navio. Nos acontecimentos que ainda viriam, o navio se perderia completamente, mas todas as vidas seriam poupadas. Paulo apoiou esta admoestação com a prova duma visão ou dum sonho. Na noite recém finda o anjo do Senhor, cuja propriedade ele era e a quem servia, parara à sua frente e lhe disse que não temesse, visto que precisava acontecer que ele comparecesse perante César, fosse apresentado ao imperador, e Deus lhe concedera as vidas de todos quantos viajavam com ele. Eram seus como um presente ou dom dado por Deus, com a implicação que sem este dom todos teriam perecido. A seguir Paulo novamente insiste com todos os homens que tenham bom ânimo, pois tinha absoluta confiança na palavra de Deus de que as coisas aconteceriam exatamente do modo como lhe fora dito. E num espírito de profecia o apóstolo acrescenta: *Todavia, é preciso encalhar em certa ilha. Ela não fez parte da mensagem que o anjo lhe dera, mas recebera esta informação através do Espírito de Deus. Notemos: Todo verdadeiro cristão se considera como alguém que pertence ao Senhor, como sendo posse dele. E cada cristão ocupa sua vida no serviço ao seu Senhor, tal como o fez Paulo. Marquemos também: Deus muitas vezes pouca os descrentes e os zombadores por causa dos cristãos, os quais então devem realizar a obra do Senhor com vigor redobrado.*

Terra à vista: *V. 27) Quando chegou a décima quarta noite, sendo nós batidos de um lado para outro no Mar Adriático, por volta da meia-noite, pressentiram os marinheiros que se aproximavam de alguma terra. 28) E, lançando o prumo, acharam vinte braças (44m): passando um pouco mais adiante, tornando a lançar o prumo, acharam quinze braças. 29) E, receosos de que fôssemos atirados contra lugares rochosos, lançaram da popa quatro âncoras, e oravam para que rompesse o dia. 30) Procurando os marinheiros fugir do navio e, tendo arriado o bote no mar, a pretexto de que estavam para largar âncoras da proa, 31) disse Paulo ao centurião e aos soldados: Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos. 32) Então os soldados cortaram os cabos do bote e o deixaram afastar-se.* Naquela hora o navio, sendo mero brinquedo das ondas, estava sendo jogado pelo Adriático, no Mar Jônico entre a Sicília e a Grécia, sendo impelido num movimento uniforme e constante rumo ao oeste, e a décima quarta noite lhes sobreviera. Foi pela meia-noite que os marinheiros conjecturaram, não porque tivessem sido capazes para distinguir algo nas densas trevas, mas porque o som das ondas, o rugir das ondas de rebentação, parecia indicar, que alguma terra se lhes aproximava, assim como acontece a um viajante quando no convés dum navio. Por isso rapidamente fizeram sondagens e acharam a profundidade de vinte braças (uma braça, 2,2 metros). Contudo, depois de terem passado um pouco mais adiante e novamente lançaram o

prumo, mediram quinze braças. A conclusão que fizeram destas ressonâncias fez a tripulação temer, juntamente com os passageiros, que poderiam ser atirados nalgum chão rochoso, fosse na praia ou em algum recife submerso. Por isso baixaram quatro âncoras da proa e de coração desejaram que o dia clareasse. A âncora da proa neste caso, quando não souberam o que os esperava a uma vintena de passos, deu aos marinheiros a possibilidade de manobrar muito mais facilmente o navio e conservá-lo sob seu controle por meio do timão, no caso que fosse viável de levá-lo de manhã para terra firme. Paulo esteve no convés, tal como o esteve a maioria dos passageiros, por isso foi capaz de impedir um plano traiçoeiro da tripulação. Pois os marinheiros tiveram o desejo sincero de fugir do navio, de escapar e deixar soldados, passageiros e prisioneiros à sua própria sorte. Baixaram o barquinho ao mar com a alegação que também queriam baixar âncoras da proa do navio. Alegaram que precisavam dar às âncoras todo o comprimento dos cabos. Paulo, porém, soube de seu engano, e contou ao centurião e aos soldados que, se estes homens não permanecessem no navio, todos eles não poderiam ser salvos. Após isto os soldados fizeram processo curto com o assunto. Simplesmente cortaram as cordas que suspendiam o bote e o deixaram cair, sendo que as ondas levaram o bote imediatamente embora. Foi assim que Paulo mais uma vez salvou as vidas de todas as pessoas do navio, pois foi evidente que nem os soldados e nem os passageiros seriam capazes de manobrar o barco numa emergência como esta. Um cristão sempre terá o bem-estar de todas as pessoas em mente e, no que estiver em seu poder, os aconselhará, ajudará e protegerá em toda e qualquer necessidade física.

Paulo novamente encoraja seus companheiros de navio: *V. 33) Enquanto amanhecia, Paulo rogava a todos que se alimentassem, dizendo: Hoje é o décimo-quarto dia em que, esperando, estais sem comer, nada tendo provado. 34) Eu vos rogo que comais alguma coisa; porque disto depende a vossa segurança; pois nenhum de vós perderá nem mesmo um fio de cabelo. 35) Tendo dito isto, tomando um pão, deu graças a Deus na presença de todos e, depois de o partir, começou a comer. 36) Todos cobraram ânimo e se puseram também a comer. 37) Estávamos no navio duzentas e setenta e seis pessoas ao todo. 38) Refeitos com a comida, aliviaram o navio, lançando o trigo ao mar.* Facilmente se entende, que os acontecimentos das duas últimas semanas, o terrível esbofetear do vento e das ondas, o constante perigo de morte e a ausência de sol e estrelas tiveram um efeito desordenador sobre todos que estavam a bordo. Apesar das palavras bondosas e revigoradoras de Paulo quando a tempestade esteve em seu auge, o esforço não permitira que tribulação e passageiros comessem. O apóstolo foi a pessoa de maior calma e autodomínio em todo o navio. Ele foi agora facilmente o cabeça líder em todo o grupo do navio. Mais ou menos desde meia-noite o navio forçava as âncoras, estando em constante perigo de que uma onda muito forte pudesse romper seus cabos e arremessar a todos nos recifes rochosos. Finalmente veio o amanhecer dum minguante dia de novembro. Foi exatamente quando o dia estava por raiar, que Paulo admoestou seriamente a todos que estavam a bordo de comerem algo, lembrando-os que já era o décimo-quarto dia desde que estavam na esperança ou na expectativa de auxílio e resgate, tempo em que estiveram sem alimento e nada haviam comido, ou seja, não se haviam tomado alguma refeição regular. Algum deles pôde ter tomado, aqui e ali, algum rápido bocado, mas não o suficiente para conservar a força necessária para qualquer emergência. “Paulo sugere a todo o grupo que se alimente, para que se reforcem para a fuga do navio. Este foi um ato sábio e necessário. Paulo, por causa da situação, a reforçou; mas ainda assim foi ele o único que conservou suficiente calma e coragem para pensar no preparo ao futuro próximo.”<sup>7)</sup> Foi assim que Paulo pediu que tomassem algum alimento e francamente o comessem, visto que isto foi necessário para a segurança deles e para o trabalho que deveriam realizar para conseguirem o resgate do presente perigo. E novamente lhes assegura que nem mesmo um só cabelo de suas cabeças se perderia; não perderia suas vidas nem sofreriam qualquer dano mas sério em seus corpos. Depois destas palavras o próprio Paulo deu um bom exemplo: tomou pão, diante de todos deu graças a Deus, e, partindo o pão, começou a comer. Notamos que Paulo, mesmo em tempos do maior perigo, não negligenciou o dar graças e agradecer a Deus, que provera o alimento; nem a presença de gentios o impediu de seguir seu costume diária neste sentido. A coragem de Paulo foi contagiosa, pois agora todo o grupo teve bom ânimo; todos a bordo

---

<sup>7)</sup> 92) Ramsay, *The Bearing of Recent Discoveries*, 312.

sentiram a necessidade de mostrar mais confiança e hombridade, e foi assim que também eles tomaram algo para comer, e comeram, sendo, como Lucas observa, um grande número, chegando ao total de duzentos e setenta e seis almas: todos estes foram inspirados por sua confiança. Quando haviam comido até se fartar, tendo cada um feito uma alimentação plena, isto lhes restabeleceu a calma e a força ao ponto de aliviarem, após, o navio atirando ao mar o cereal, que parece ter sido a maior parte da carga. O objetivo foi conseguir que o navio boiasse tão alto quanto possível, diminuindo com isto tanto a carga que lhes possibilitasse passar por sobre os bancos de areia e baixios e trazê-lo tão próximo quanto possível da terra. Notemos: É sempre para a vantagem e o bem dos filhos deste mundo que cristãos vivam em seu meio. Mais de uma vez, em dias de grande perigo e angústia, o conselho e as orações dos cristãos já trouxeram ajuda.

A fuga do navio: *V. 39) Quando amanheceu não reconheceram a terra, mas avistaram uma enseada, onde havia praia; então consultaram entre si, se não podiam encalhar ali o navio. 40) Levantando as âncoras, deixaram-no ir ao mar, largando também as amarras do leme; e, alçando a vela da proa ao vento, dirigiram-se para a praia. 41) Dando, porém, num lugar onde duas correntes se encontravam, encalharam ali o navio; a proa encravou-se e ficou imóvel, mas a popa se abria pela violência do mar. 42) O parecer dos soldados era que matassem os presos, para que nenhum deles, nadando, fugisse; 43) mas o centurião, querendo salvar a Paulo, impediu-os de o fazer; e ordenou que os que soubessem nadar fossem os primeiros a lançar-se ao mar e alcançar a terra. 44) Quando aos demais, que se salvassem uns em tábuas, e outros em destroços do navio. E foi assim que todos se salvaram em terra.* Quando foi dia, quando ficou suficientemente claro para distinguir bem os objetos, os marinheiros tentaram atingir seus objetivos, mas não reconheceram a terra. Talvez já tivessem estado antes nesta terra, mas esta secção particular no litoral nordeste não lhes era familiar. Perceberam ou observaram, do lugar onde estavam ancorados, próximo a um lugar rochoso, pequena baía ou entrada com uma praia arenosa, que lhes pareceu muito mais convidativa do que os recifes que ficavam mais longe. Por isso desejaram, se possível, dirigir o navio para dentro desta pequena baía; quiseram encalhá-lo na praia. Por isso, tendo solto as âncoras desatando no navio os cabos que as prendiam, deixaram-nas, abandonaram-nas no mar. Ao mesmo tempo desataram as amarras que prendiam os remos, os dois remos de pá com que naqueles tempos os navios estavam equipados, visto que agora precisavam deles para dirigir o navio. E por fim, alçaram a vela da proa, abrindo-a completamente para a brisa, e foram em direção da praia lisa. Mas quando o barco entrou no canal, repentinamente bateu num banco submerso, ou numa elevação, num baixio ou recife, sendo que a proa cortou profundamente no lodo ou na areia fixando-se firmemente, enquanto a popa começou a romper por causa da força das ondas. Foi uma situação muito perigosa e que quase levou os soldados a perder seu autocontrole e bom senso. Pois, seu plano foi matar agora os prisioneiros, para que nenhum deles, nadando, pudesse escapar. Como se a ilha rochosa oferecesse muito perigo se isto acontecesse! Mas o centurião Júlio mostrou aqui novamente sua boa vontade. Queria salvar Paulo de modo muito seguro, e por isso os impediu em seu plano, colocando um ponto final à intenção deles. Comandou que todos quantos soubessem nadar primeiro deviam saltar no mar e, desta forma, alcançar a terra. Depois disso, quando o mar ao redor do casco do navio desmantelado estivesse livre de nadadores, então os demais deviam fazer o mesmo, alguns agarrados em tábuas e outros em pedaços de destroços. Não foi tarefa fácil, porque o mar estava bravo e as ondas batiam forte na praia, alcançar um lugar seguro. Mas finalmente todas as pessoas que estiveram no navio, tripulantes, soldados, passageiros e prisioneiros, atravessaram em segurança, conforme a predição de Paulo. Foi um escape milagroso. Se todos, ao menos, tivessem reconhecido que isto aconteceu por causa do Deus dos cristãos a quem todos eles deveram a vida e todas as bênçãos!

**Resumo:** A viagem para Roma foi iniciada em Cesaréia num navio adramitino, continuou em Mirra num navio de Alexandria, pelo sul do Mar Egeu e ao sul de Creta, onde uma tempestade terrível se abateu sobre o navio e o impeliu para o oeste até se espatifar na ilha de Melita.

## Capítulo 28

### A Viagem De Malta Para Roma. At. 28. 1-16.

Paulo novamente em perigo: *V. 1) Uma vez em terra verificamos que a ilha se chamava Malta. 2) Os bárbaros trataram-nos com singular humanidade, porque, acendendo uma fogueira, acolheram-nos a todos por causa da chuva que caía, e por causa do frio. 3) Tendo Paulo ajuntado e atirado à fogueira um feixe de gravetos, uma víbora, fugindo do calor, se lhe prendeu à mão. 4) Quando os bárbaros viram a bicha pendente da mão dele, disseram uns aos outros: Certamente este homem é assassino, porque, salvo do mar, a Justiça não o deixa viver. 5) Porém, ele, sacudindo o réptil no fogo, não sofreu mal nenhum; 6) mas eles esperavam que ele viesse a inchar, ou a cair morto de repente. Mas, depois de muito esperar, vendo que nenhum mal lhe sucedia, mudando de parecer, diziam ser ele um deus.* Quando as pessoas do navio naufragado haviam alcançado em segurança a terra, só então descobriram que o nome da ilha era Melita ou Malta. Por isso haviam sido impelidos uns 900 Km nestas duas semanas. Pois a ilha fica ao sul da Sicília, formando, com Gozo e várias outras ilhas menores, um conjunto que agora é conhecido como as Ilhas de Malta. Lucas chama os ilhéus de bárbaros, não usando o termo num sentido depreciativo, mas porque este era o nome que os gregos e romanos davam a todos os estrangeiros, ou seja, aos que não falavam grego. O povo da ilha descendia dos fenícios e haviam caído sob o domínio romano depois da segunda Guerra Púnica. Mostraram-se hospitaleiros de modo muito incomum; manifestaram extraordinária bondade para com o grupo naufragado. Deve-lhes ter sido difícil acender fogo e receber a todos, dando-lhes um cordial bem-vindo, que sem dúvida foi aceito com dobrada gratidão visto que todos estavam com frio e completamente molhados; além disso a chuva continuava e o frio penetrava até os ossos. Paulo, de modo algum, se omitiu quando os outros se empenharam a abastecer o fogo, mas muito disposto ao lado dos demais reuniu feixes de lenha. Contudo, quando justamente esteve erguendo um feixe de gravetos e então os jogou no fogo, acordada pelo calor, uma serpente subiu dos gravetos e, antes que Paulo conseguiu tirar a mão, o mordeu, e ficou presa na ferida. Quando os ilhéus viram a criatura assim suspensa de sua mão, ficaram muito chocados e expressaram sua opinião sobre o caso, dizendo que este homem, com toda certeza, deve ser um assassino, a quem a Justiça não permitira que vivesse, mesmo que tivesse sido salvo do mar. Sabiam que Paulo era um prisioneiro porque estava sob um guarda, e a conclusão deles foi tão rápida como costuma ser a da maioria das pessoas em circunstâncias semelhantes. Por experiência conheciam a virulência do veneno destas serpentes, e aos olhos deles Paulo já estava morto. A deusa da justiça, em que acreditavam, tomara vingança nele. Paulo, porém, por meio dum movimento brusco, sacudiu a víbora no fogo e não sofreu qualquer mal, nenhuma consequência desagradável. Mas os ilhéus o observavam, certos que o destino dele era inchar e repentinamente tombar morto. Contudo, nenhum destes efeitos ocorreu, estando Lucas, como era médico, plenamente familiarizado com estes sintomas. Por isso, quando haviam esperado e observado por longo tempo, mas, ainda assim, nada de anormal aconteceu, então os habitantes mudaram de opinião e disseram que ele era um deus. Suas mentes supersticiosas não puderam chegar a qualquer outra conclusão. Foi este o modo que sua instrução os fizera seguir. Notemos: O povo de hoje pode querer rir em desprezo sobre esta demonstração de superstição, mas está, ao lado de todo o mundo, em um ou outro modo culpado de crenças semelhantes. Por isso aqui não há espaço para atirar pedras em outros. Foi o Senhor quem colocou sua mão protetora sobre seu servo, tal como o prometeu, Mc. 16. 18.

A cura do pai de Públio: *V. 7) Perto daquele lugar havia um sítio pertencente ao homem principal da ilha, chamado Públio, o qual nos recebeu e hospedou benignamente por três dias. 8) Aconteceu achar-se enfermo de disenteria, ardendo em febre, o pai de Públio. Paulo foi visitá-lo e, orando, impôs-lhe as mãos e o curou. 9) À vista deste acontecimento, os demais enfermos da ilha vieram e foram curados, 10) os quais nos distinguiram com muitas honrarias; e, tendo nós de prosseguir viagem, nos puseram a bordo tudo o que era necessário.* No mesmo lugar, na vizinhança do lugar que hoje é conhecida como Baía de São Paulo, o governante romano da ilha, cujo título foi o principal, o homem do primeiro lugar, como também mostra uma antiga inscrição, tinha sua residência. Seu nome foi Públio, e ele mostrou uma hospitalidade bastante impar ao povo que naufragara, um ato digno do legado do pretor da

Sicília, a cuja província pertencia Malta. Pois, ao menos, recebeu e estendeu sua hospitalidade aos passageiros e a Paulo, se não a todo o grupo do navio, sendo suas edificações suficientemente espaçosos para tornar possível este arranjo. Fez isto durante três dias com a maior cortesia e benevolência, até que foram encontrados outros meios. Foi assim que aconteceu que o pai de Públio esteve doente, de cama, com febre e disenteria, assim como Lucas, com seus conhecimentos médicos, foi capaz de determinar, e Paulo, como retribuição da hospitalidade recebida, foi até ele, orou por ele no nome de Jesus, impôs-lhe as mãos, e fez-lhe bem, curou-o, devolveu-lhe a saúde. Tal como em outros casos, este milagre foi realizado para a glória de Cristo, para testificar do poder do evangelho. O resultado foi que os demais habitantes da ilha que estavam enfermos vieram a Paulo e foram curados. Foi um tempo de graciosa visitação da ilha, pela qual o Senhor se revelou a muitos da ilha. A gratidão dos ilhéus foi igualmente grande. Por causa de Paulo eles os honraram com muitos favores, não, como alguns têm suposto, concedendo-lhes a remuneração de médico, mas dando-lhes tudo o que hóspedes honrados devem receber em presentes e passatempo. E quando partiram, puseram a bordo todos os suprimentos e comodidades necessários para o resto da viagem, para que Paulo e todo o grupo do navio os usassem. É assim que Deus controla mesmo os assim chamados acontecimentos ocasionais da vida, e as dirige para o bem-estar dos cristãos e de outros entre os quais vivem. Notemos: Foi totalmente apropriado e louvável da parte dos habitantes da ilha em mostrar sua gratidão pela misericordiosa visitação de Deus a seus servos. Se este relacionamento agradável fosse estabelecido em todos os lugares, haveria na igreja menos trabalho feito sob a desvantagem do murmurar, Hb. 13. 17.

De Melita para Roma: *V. 11) Ao cabo de três meses, embarcamos num navio alexandrino, que invernara na ilha, e tinha por emblema Dióscuros. 12) Tocando em Siracusa, ficamos ali três dias, 13) donde, bordejando, chegamos a Régio. No dia seguinte, tendo soprado vento sul, em dois dias chegamos a Potéoli, 14) onde achamos alguns irmãos que nos rogaram ficássemos com eles sete dias; e foi assim que nos dirigimos a Roma. 15) Tendo ali os irmãos ouvido notícias nossas, vieram ao nosso encontro até à Praça de Apio e às Três Vendas. Vendo-os Paulo, e dando por isso graças a Deus, sentiu-se mais animado. 16) Uma vez em Roma, foi permitido a Paulo morar por sua conta, tendo em sua companhia o soldado que o guardava.* A permanência em Melita foi tão breve quanto possível, visto que Júlio esteve desejoso para entregar os prisioneiros à coorte imperial. Depois de três meses, ou seja, se muito, no fim de fevereiro ou no começo de março, todos viajaram num navio de Alexandria que invernara na ilha, cuja marca distintiva, ou sinal, escrita na proa ou na flâmula, foi a dos irmãos gêmeos, Castor e Pólux. Estes dois deuses gentios eram considerados os protetores especiais dos marinheiros, e não poucas vezes os navios eram ornados com suas figuras entalhadas. Viajando quase que diretamente para o norte, entraram em Siracusa, uma cidade na costa leste de Sicília, onde permaneceram três dias, esperando, provavelmente, por ventos favoráveis. Quando zarparam dali, o vento vinha da direção errada, e foram obrigados para avançar aos poucos bordejando pela costa, alcançando assim Régio, no canto sudeste da Itália, no Estreito de Messina. Aqui tiveram mais sorte, pois tão somente depois duma parada de um dia levantou-se um vento constante do sul, possibilitando-lhes alcançar Potéoli em dois dias. Aqui o barco encerrou sua viagem, e Paulo e seus companheiros de prisão desembarcaram. A cidade foi naqueles dias um dos principais portos da Itália, sendo sua ligação semelhante a de Liverpool com Londres. Aqui Paulo e seus companheiros procuraram e encontraram irmãos, cristãos que formavam uma congregação, e por eles foram instados a ficar com eles sete dias antes de subir para a capital, que ficava distante uns 250 Km. O fato que Paulo recebeu de Júlio a permissão de aceitar o pedido dos cristãos locais, mostra que o romano o tinha em alto respeito. Com isto alcançaram aqui em Potéoli os limites do território de Roma, pois com cuidado distingue entre a cidade propriamente dita e a região mais ampla que, via de regra, se chamava por este nome.<sup>8)</sup> Enquanto isto a notícia da vinda de Paulo se adiantou e chegou à cidade, onde os irmãos esperavam a vinda de seu grande mestre com intenso interesse. Alguns dos discípulos de Roma, para encontrá-los, desceram até o Foro de Apio, que foi uma vila na Via Apia, a 72 Km de Roma. E a 18 Km mais perto da capital, nas Três Vendas, havia outra delegação de cristãos a esperar Paulo. Por isso, mesmo que os dois pequenos povoados não

<sup>8)</sup> 93) Ramsay, *The Bearing of Recent Discovery*, 44; *St. Paul the Traveler*, 347.

tiveram outra importância, sendo, pelo menos, uma delas conhecida por suas casas de pouso (motéis), seus nomes foram preservados na história sagrada como pontos de parada do grupo de Paulo. Esta demonstração de respeito e afeto por parte dos irmãos de Roma encheu Paulo de grande alegria e confortou seu coração, pois quando os enxergou, deu graças a Deus e tomou ânimo. Sempre é animador e confortante à fé, quando cristãos encontram em suas viagens pela vida em qualquer lugar irmãos que com eles servem o Deus dos céus. Quando Júlio e seu grupo de prisioneiros alcançaram Roma, ele entregou Paulo aos oficiais correspondentes, ou ao chefe da guarda do imperador. E o relato do centurião bem como a carta de Festo devem ter sido muito favoráveis. Pois, Paulo, enquanto esperava que seu caso fosse citado e durante o curso de seu julgamento, teve a permissão de ficar em seu próprio alojamento, tendo unicamente consigo um soldado como guarda. Foi ligado por meio duma corrente leve a este soldado, que foi um fato que em certas ocasiões pode ter sido maçante, mas esta foi talvez a maneira mais branda de prisão conhecida pelos romanos e deu ao apóstolo a plena liberdade de ver os irmãos e realizar todas as atividades que desejava. O próprio Cristo exaltado colocou sua mão protetora sobre Paulo, para que a congregação de Roma pudesse receber o benefício do ensino de Paulo e ser firmada na doutrina cristã.

Dois Anos Em Roma. At. 28. 17-31.

Paulo convoca os judeus: *V. 17) Três dias depois, ele convocou os principais dos judeus e, quando se reuniram, lhes disse: Varões irmãos, nada havendo feito contra o povo ou contra os costumes paternos, contudo vim preso desde Jerusalém, entregue nas mãos dos romanos; 18) os quais, havendo-me interrogado, quiseram soltar-me sob a preliminar de não haver em mim nenhum crime passível de morte. 19) Diante da oposição dos judeus, senti-me compelido a apelar para César, não tendo, porém, nada de que acusar minha nação. 20) Foi por isso que vos chamei para vos ver e falar; porque é pela esperança de Israel que estou preso com estas cadeias.* Na época havia uma congregação florescente em Roma, e Paulo bem podia ter dedicado todo seu tempo aos fiéis já congregados. Mas, como aconteceu em outros lugares, Paulo aqui chamou deliberadamente os judeus mais influentes, atendo-se à sua regra: primeiro do judeu e também do grego, Rm. 1. 16. O decreto de Cláudio banindo os judeus de Roma, cap. 18. 2, neste meio tempo, havia sido reconsiderado, e os judeus vieram novamente à capital. Quando os principais dos judeus haviam respondido ao seu convite e se reunido no lugar apontado por Paulo, este lhes expôs alguns fatos de natureza pessoal. Acima de tudo, queria remover quaisquer preconceitos que pudessem ter sobre ele, primeiro, com respeito de seu aprisionamento; segundo, com respeito do fato que ele apelara ao imperador; terceiro, remover quaisquer efeitos sobre relatos caluniosos que, provavelmente, haviam sido trazidos de Jerusalém. Disse-lhes que nada fizera, que não fora culpado de qualquer ofensa fosse contra o povo dos judeus ou contra os costumes e usos dos pais, e ainda assim fora entregue nas mãos dos romanos. Paulo, com muito tacto, se refere à sua prisão como sendo causada só de modo indireto pelos judeus. Quando os romanos lhe haviam concedido uma audiência, quiseram soltá-lo, visto não terem achado nele motivo nenhum de morte, não tendo sido comprovado um só crime contra o apóstolo. Mas, quando então os judeus revidaram, fora ele obrigado a apelar a César, mas não no sentido, como Paulo se apressa em acrescentar, como se ele tivesse a apresentar qualquer acusação contra seu próprio povo. Mas este foi o motivo pelo qual os quisera reunir, pedira-lhes que se reunissem com ele, que quis vê-los e falar-lhes e ter uma conferência com eles. Pois lhes assegura que carrega estas cadeias, que todos eles podiam enxergar, que estava ele rodeado por esta evidência de prisão foi por causa da esperança de Israel. A grande esperança de Israel foi aquela a respeito do Messias. Todos os profetas olhavam para frente para ele, e dele todos sábios haviam falado. Foi porque Paulo pregara do cumprimento de todas estas esperanças e predições e profecias na pessoa de Jesus Cristo de Nazaré, que os inimigos o haviam agarrado, o que resultou em sua prisão.

Paulo testifica do reino de Deus: *V. 21) Então eles lhe disseram: Nós não recebemos da Judéia nenhuma carta que te dissesse respeito; também não veio qualquer dos irmãos que nos anunciasse ou dissesse de ti mal algum. 22) Contudo, gostaríamos de ouvir o que pensas; porque, na verdade, é corrente a respeito desta seita que por toda parte é ela impugnada. 23) Havendo-lhe eles marcado um dia, vieram em grande número ao encontro de Paulo na sua*

*própria residência. Então, desde a manhã até à tarde, lhes fez uma exposição em testemunho do reino de Deus, procurando persuadi-los a respeito de Jesus, tanto pela lei de Moisés, como pelos profetas. 24) Houve alguns que ficaram persuadidos pelo que ele dizia; outros, porém, continuaram incrédulos.* Tendo Paulo apelado por lisura da parte deles, os judeus lhe disseram com franqueza que não haviam recebido qualquer comunicação escrita ou verbal que lhe fosse desfavorável. Não haviam recebido cartas da Judéia, e nenhum dos irmãos que haviam chegado a Roma nos últimos anos havia relatado qualquer coisa contra ele. Julgaram, porém, bom e correto ouvir do próprio Paulo o que ele pensava, de obter suas idéias sobre toda esta situação, pois, no que dizia respeito a esta seita, era-lhes notório que ela encontrava contradição e oposição em todos os lugares. Havia sido espalhado o relato que os cristãos eram uma seita atéia e perversa, que devia ser detestada e abominada por toda a humanidade. Mas, levados pela idéia de quererem ser justos e de quererem ouvir a história de Paulo do jeito como ele próprio a entendia, estes líderes judeus de Roma fixaram uma dada em que queriam comparecer em maior número em seu lugar de hospedagem. Paulo, não tanto com a intenção de se defender mas para testemunhar de Cristo, explicou e expôs a todos eles o reino de Deus, mostrando-lhes o que o termo significava, e de que maneira poderiam entrar neste reino maravilhoso, o que era a fé, colocando sempre o Salvador Jesus no cento de seu discurso persuasivo. Desde a manhã até ao anoitecer ele fez o máximo para convencê-los a respeito de Jesus, por meio da lei de Moisés, dos livros históricos do Antigo Testamento e dos livros dos profetas, provando por meio duma comparação com a vida de Jesus que este devia ser o Messias prometido. Foi um dia de bênçãos do Senhor, da sua vocação misericordiosa a todos aqueles que estiveram presente. Mas o efeito foi o geralmente acontece em circunstâncias semelhantes a esta. Alguns foram convencidos pelo que Paulo disse, mas outros foram obstinados e se recusaram a crer. Por mais enfático e irresistível que sejam as provas, algumas pessoas vão persistir no endurecimento de seus corações contra a influência graciosa do evangelho e assim no desprezo da graça de Deus que lhes é oferecida.

Aplicada uma palavra de Isaías: *V. 25) E, havendo discórdia entre eles, despediram-se, dizendo Paulo estas palavras: Bem falou o Espírito Santo a vossos pais, por intermédio do profeta Isaías, quando disse: 26) Vai a este povo e dize-lhes: De ouvido ouvireis, e não entenderéis; vendo vereis, e não perceberéis. 27) Porquanto o coração deste povo se tornou endurecido; com os ouvidos ouviram tardiamente, e fecharam os seus olhos, para que jamais vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, para que não entendam com o coração, e se convertam, e por mim sejam curados. 28) Tomai, pois, conhecimento de que esta salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão. 29) Ditas estas palavras, partiram os judeus tendo entre si grande contenda.* Foi neste ponto da discussão, quando alguns estavam sendo persuadidos pelas palavras de Paulo, rendendo-se à convicção da Palavra de Deus, e quando outros continuaram em sua descrença, e quando não conseguiam entrar em acordo entre eles, que Paulo lhes lembrou uma palavra do profeta Isaías, cap. 6. 9, 10, a qual fez com que a reunião se dispersasse sem ter chegado a uma conclusão sobre o assunto. Lembrou-lhes a profecia sobre auto-endurecimento seguido pelo endurecimento da parte de Deus. Isaías recebera o comando expresso de ir aos judeus do seu tempo e dizer-lhes que eles, literalmente, iriam ouvir com sua audição, e ainda assim não entenderiam; que veriam com seus olhos a palavras, e ainda assim não receberiam qualquer impressão em sua mente. E a razão que motivou este juízo foi que o coração do povo se tornara calejado, insensível, por isso o ouvir espiritual de seus ouvidos se havia tornado difícil, e seus olhos haviam sido impedidos de ver. Por isso o Senhor os entregara à dureza de seus próprios corações, para que não vissem com seus olhos nem ouvissem com seus ouvidos, e nem entendessem com seu coração, e voltassem ou se convertessem, e o Senhor os curasse. Este juízo terrível sobre os judeus teimosos começara no tempo de Isaías, e fora ameaçado nos dias do Salvador, Mt. 13. 14, 15; Mc. 4. 12; Lc. 8. 10, e hoje está por ser executado em sua final e terrível maldição. E não teriam a culpar ninguém, se não só a eles próprios, pelos efeitos terríveis de sua oposição a Cristo e a Deus. De modo foral e solene Paulo anuncia aos judeus reunidos esta consequência de sua resistência e curso que ele, daqui para frente, seria compelido a adotar. Quis que soubessem, que entendessem, que a salvação de Deus, que está no evangelho do Messias, agora era enviada aos gentios, e que estes iriam ouvir e aceitar sua mensagem gloriosa. É de notar que mesmo estas últimas palavras são ditas, não só para condenar, mas também para conduzir ao

arrependimento. Foi como se mostrasse aos judeus o horrível abismo escancarado, à beira do qual estavam, tendo fechado de modo deliberado seus olhos e ouvidos contra qualquer advertência. Parece que alguns efeitos resultaram desta última advertência, caso o texto é exato, pois quando dissera estas palavras, eles deixaram seu alojamento, discutindo como muita veemência o assunto entre si. Quando acontece que o interesse que foi provocado, ao menos, leva a uma pesquisa cuidadosa das Escrituras, então uma pessoa se pode sentir muito bem recompensada mesmo diante de tais discussões aparentemente infrutíferas.

Dois anos em Roma: *V. 30) Por dois anos permaneceu Paulo na sua própria casa, que alugara, onde recebia a todos que o procuravam, 31) pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo.* Por este tempo Paulo pode ter tido a possibilidade de comprar muitos utensílios, ou a liberalidade das várias congregações o tornaram possível. De qualquer maneira, Paulo foi capaz de alugar e morar em seu próprio alojamento por dois anos, tempo que provavelmente foi preciso para que seu caso viesse a julgamento e fosse resolvido. E com toda certeza não lhe foi problema ou difícil conseguir, pois recebia a todos que vinham a ele. Fosse qual fosse a congregação donde os irmãos procediam, ele sempre os recebia com carinho. Ele ainda esteve sob custódia, Fp. 1. 13, 17, mas este, é quase certo, era muito branda. Foi bem nesta ocasião que Deus abriu uma porta para sua palavra. Pois Paulo ocupava todo o tempo na proclamação do reino de Deus, não só pelo falar, mas também por carta, pois temos deste tempo de sua vida as cartas aos efésios, aos colossenses, aos filipenses e a Filemom. Paulo, quando convidou as pessoas a se tornarem membros do reino de Deus, na maravilhosa comunhão dos santos, sempre ensinou e repetiu a mensagem a respeito do Senhor Jesus, sem jamais calar ou cansar. Pregou com toda confiança e com a mais franca alegria. Seus sermões e discussões em particular tinham todos a fragrância do unguento da mesma alegria ousada com a qual o Senhor o ungira. E ele, pela misericórdia de Deus, o pode fazer sem ser molestado ou impedido. Isto lhe deve ter sido um conforto imenso e lhe deve ter fortalecido muito a disposição e o prazer na obra do Senhor. Toda história mostra como o evangelho de Cristo alcança suas vitórias. Pois o mesmo evangelho que Paulo proclamou na capital do mundo tomou, desde então até aos nossos dias, seu curso através das nações e alcançou os gentios. A igreja, que está erguida sobre Jesus, a Rocha Eterna, está hoje de pé, e ficará de pé até o fim do tempo, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

**Resumo:** A viagem de Melita a Roma é completada sem qualquer acidente, e Paulo aproveita a oportunidade de falar na capital aos judeus e depois a muitos outros, pregando-lhes o reino de Deus e de seu Salvador Jesus Cristo.

### **Um Resumo Da Parte Final Da Vida De Paulo**

Dar um resumo cronológico mais ou menos exato da parte final da vida de Paulo tem algumas dificuldades, como o mostram as muitas listas divergentes, em especial as que Meyer dá. Mesmo o estudo mais cuidadoso não pode assumir exatidão absoluta, principalmente porque o relato bíblico permite uma amplitude tão grande. A lista que aqui oferecemos tem por isso meramente o propósito de ser um auxílio na orientação e, por isso, como muitas outras, pode requerer uma boa exatidão histórica.

A conversão de Paulo: 32 ou 33 A.D.

A primeira visita a Jerusalém depois da conversão: 35 ou 36 A.D. Gl. 1. 18.

*Começo da primeira viagem missionária:* 46 A.D.

Volta para Antioquia. Mais ou menos agosto de 48 A.D.

Segunda viagem a Jerusalém e as resoluções sobre os ensinamentos judaizantes: 49 A.D.; Gl. 2.1.

*Começo da segunda viagem missionária;* Síria e Cilícia. Outono, 49 A.D.

Derbe, Listra, Icônio, Antioquia. Inverno 49-50 A.D.

Trôade e Corinto. Verão, 50 A.D.

A revolta dos judeus. – Gália. Final do verão, 51 A.D.

Jerusalém e Antioquia. Primavera e começo do verão, 52 A.D.

*Começo da terceira viagem.* Síria, Cilícia, Galácia. 52-53 A.D.

Em Éfeso. Verão, 53 A.D, a junho, 56 A.D.

Macedônio e Ilírico. Verão e outono, 56 A.D.  
Jerusalém. Pentecostes, 58 A.D.  
Prisioneiro em Cesaréia. Junho, 58 A.D a junho, 60 A.D.  
Viagem a Roma. Agosto, 60 A.D a fevereiro ou março, 61 A.D.  
Prisioneiro em Roma. Primavera, 61 A.D à primavera, 63 A.D.  
Viagens posteriores. 63-66 A.D.  
Segundo prisão. 66 A.D ou 67 A.D.  
Execução. 67 A.D ou 68 A.D.<sup>9</sup>

(19 de setembro de 2004)  
Eugenio Dauernheimer

(Obs.: Não traduzi um tratado sobre as versões da Bíblia ao inglês.)

---

<sup>9) 94)</sup> Cf. *Syn. Ber.*, Oestl Distr., 1907-1913; North Dakota und Montana, 1910 and 1912; Minnesota, 1913.